Pedro Luiz Sympson

Gramática da Língua Brasileira

(Brasílica, Tupi ou Nheengatu)

Organização e Estudo Introdutório

Robério Braga

5.ª edição

É necessário que estejamos atentos ao passado para melhor viver o presente. Parece uma frase feita, pura retórica, mas, realmente, ninguém vive sem o passado, nem a família, nem a sociedade, muito menos a cultura. Toda vez que empreendemos qualquer ato ou gesto alienados dessa verdade, estamos beirando os abismos do prosaico ou do grosseiro. Abismos infernais, onde se transformam em cinza os bens da vida presente e as projeções de futuro.

A reedição desta *Gramática da Língua Brasileira* (Brasílica, Tupi ou Nheengatu), de Pedro Luiz Sympson, empreendida pela ação conjunta da Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto e da Editora Valer, é modelar desse comportamento. Traz à luz dos nossos dias uma obra lançada nos últimos quartéis do século XIX. Obra que alcançou, no país daqueles idos, ampla popularidade ao ponto de ser a matriz desta edição fac-similar, a quarta, numa tiragem de 14.000 exemplares.

Além da consagração do público leitor, que é, realmente, quem consagra uma obra, o livro, no seu tempo, foi alvo do interesse da grande imprensa, dos especialistas e das instituições culturais, como se vê dos registros recolhidos no volume.

O leitor de hoje terá, ainda, a alegria de conhecer o pensamento e a biografia de Pedro Luiz Sympson, amazonense notável; o combatente da Guerra do Paraguai, onde recebeu ferimento grave; o servidor público, designado para funções de destaque no

Gramática da Língua Brasileira
(Brasílica, Tupi ou Nheengatu)

Pedro Luiz Sympson

Gramática da Língua Brasileira

(Brasílica, Tupi ou Nheengatu)

Organização e estudo introdutório

Robério Braga

5.ª edição

É imperativo salvar o passado da conspiração do tempo – não deixar morrer as falas, as línguas, reacender as palavras cobertas pelas cinzas do esquecimento e dar voz à memória para que possa testemunhar o passado, a sorte trágica de povos e culturas.

Tenório Telles

Sumário

Esboço Biográfico

*Robério Braga**

Pedro Luiz Sympson teve atividade pública diversificada, mas consagrou-se, se há consagração a escritor, por atravessar o tempo e as gerações como tupinógrafo, notadamente com a sua *Gramática da Língua Brasílica,* resultado de cerca de quatro anos de pesquisa por entre agruras e sacrifícios, visto não ter obtido apoio financeiro do Governo Provincial para desenvolver o trabalho que, no ensejo do ano de 2001, se reedita de forma fac-similada como oferenda à memória de um dos fundadores do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

Nascido em Manaus, quando ainda Vila da Barra do Rio Negro, a 22 de junho de 1840, era filho de Caetano Luiz Sympson, que até seu nascimento foi chefe da Missão Indígena do rio Juruá, dentre os 33 diretores e encarregados existentes, em conseqüência de Decreto e Regulamento de 24 de julho de 1845, tendo sob seu encargo, indígenas de cerca de 25 nações. Faleceu a 21 de setembro de 1892,[1] sendo sepultado no cemitério de São José, em Manaus.

Ainda menino, seguiu viagem para Belém e, retornando a Manaus, foi estudar na condição de interno, no Seminário Episcopal, instituído em 14 de maio de 1848, por meio de subscrição pública, em prédio comprado para este fim e com capacidade para 30 alunos. Ao seu tempo, o seminário era freqüentado por 17 alunos, dos quais 13 em regime de internato, tendo como professor o Pe. Romualdo Gonçalves de Azevedo,

* Robério Braga é escritor, administrador público, autor de *A abolição da escravatura no Amazonas, Manaus – Amor e Sofrimento* e *Rui Barbosa e o Amazonas.*

e na Reitoria o Pe. Torquato Antônio de Souza, sucedido pelo Cônego J. Gonçalves de Azevedo. Estudavam: Gramática Latina, Língua Francesa, Música, Canto e alguns anos depois, Retórica e Geografia, das quais prestaram o primeiro exame público em 2 de outubro de 1853.

Com a morte do pai, ainda adolescente, ficou sob os cuidados da avó materna, Dona Vitória Maria Joaquina da Costa Guimarães, e do capitão de milícias, Marcelo José Pereira Guimarães.

Eram enormes as dificuldades para a organização do ensino público na Província, conforme ressaltam os presidentes, desde Tenreiro Aranha (1852), principalmente pela falta de professores, circunstância que dificultou a melhor formação dos jovens da época Sympson. A carreira eclesiástica era das poucas que se podia cumprir e até 1858 esteve ligada à vida do escritor quando afastou-se do seminário. Mesmo aspirando a vida militar, seguiu para o interior amazonense em missão de negociante e explorador, estabelecendo contato direto com os índios e com os mestiços mais originais. Retornou a Manaus em 1864.

Com o rompimento da Guerra do Paraguai, o governo brasileiro instituiu o Corpo de Voluntários da Pátria, pelo Decreto de n.° 3.371, de 7 de janeiro 1865, sendo de logo constituída uma Comissão Provincial para reunir defensores da pátria, surgindo Pedro Luiz Sympson como um dos primeiros 63 inscritos para o combate, já na condição de tenente da Guarda Nacional. A guerra galhardeou, dentre outros amazonenses, Luiz Antony, Henrique Antony de Albuquerque, Menandro Leandro Monteiro Tapajós e Joaquim Benjamin da Silva. Sympson veio a ter seus méritos conhecidos a 20 de agosto de 1899, com a Medalha de Ouro do Governo da Argentina. Integrou o Corpo de Voluntários do Rio de Janeiro em 1865, participando dos combates do Forte

Itapiru, tomado por 900 homens comandados por Vilagran Cabrita, a partir de 4 de abril de 1866, e, depois, do acampamento paraguaio em Passo da Pátria, até a batalha de Tuiuti, em maio do mesmo ano. Por ferimento grave, foi afastado da luta e excluído por incapacidade, circunstância com a qual não se conformou e solicitou inspeção de saúde no Rio de Janeiro para retornar ao campo de batalha, mas não logrou êxito.

Em 1868, antes de retornar a Manaus, esteve em Belém, onde casou-se com Viridiana Hermínia da Costa Sympson, filha do abastado negociante Inácio Porfírio da Costa, que veio a falecer dois anos depois (8 de julho de 1870) durante acidente e naufrágio do vapor "Purus", por colisão com o vapor "Arari", em pleno rio Madeira, no qual Sympson possuía seringal e comércio considerável.

Ao findar o ano de 1870 (7 de dezembro), por Decreto do imperador D. Pedro II e despacho do Ministério dos Negócios da Justiça, foi nomeado Major Comandante da 2.ª Seção da Guarda Nacional, do rio Madeira, conforme Carta-Patente expedida em 21 de janeiro de 1871.

Em 1872 (2 de abril), na forma de Portaria do general comandante das Armas da Província do Amazonas, Dr. João Miranda da Silva Reis, foi nomeado membro da Comissão Censitária do rio Madeira.[2]

Em 1873 (29 de maio), casou-se em segundas núpcias com Tereza Potilho Bentes, de cujo enlace teve 13 filhos.

Em 1876 (23 de março), iniciou carreira política[3] como deputado provincial conservador, sob a presidência de João José Freitas Guimarães, ao lado dos deputados José Justiniano Braule Pinto, J. Carlos Antony, Henrique Amorim, Padre Torquato Antônio de Souza e Barão de São Leonardo, dentre outros. Nesta legislatura (1876/1877), foi membro das Comissões de Agricultura, Artes e Navegação e da Força Policial, além de

integrar a comissão especial que foi a Belém-PA cumprimentar o imperador e a imperatriz, que seguiam viagem para os Estados Unidos da América do Norte. Foi designado em 28 de março de 1876, juntamente com o deputado Pe. Daniel Pedro Marques de Oliveira, David Antônio Vasconcelos de Canavarro, Nicolau José de Castro e Costa, Pedro de Souza Marques e, em 5 de abril de 1876, davam conta à Assembléia Legislativa Provincial do cumprimento do honroso encargo.

O deputado Canavarro, na qualidade de relator da Comissão, prestou à Assembléia informações da missão cumprida em Belém no dia 5 de abril de 1876, de cuja felicitação pode-se extrair:

> *À Província do Amazonas, Senhor, fadada pela providência para em grande porvir, espera o benéfico influxo que lhe imprimirá por certo a augusta presença V. M. Imperial.*
> *Senhor! A Assembléia Legislativa Provincial do Amazonas, conferindo-nos o honroso mandato de cumprimento a VV. MM. Imperiais, por terem visitado a esta parte do território brasileiro, nutre também o desejo de que VV. MM. Imperiais, em seus regressos, lhe concedam a subida honra de visitar as plagas amazonenses, cujos habitantes se desvanecem em amor aos seus augustos imperantes.*
> *Oxalá, Senhor! que estas manifestações sinceras da Assembléia Provincial do Amazonas, por nós transmitidas, sirvam de prova indelével do amor, respeito e lealdade que aquele corpo legislativo, e o povo amazonense, tributam à pessoa de V. M. Imperial, a de S. M. a imperatriz e à dinastia reinante.*

O imperador agradeceu os votos e afirmou que visitaria a Província e o Peru em outra ocasião.

É nesta ocasião que, pessoalmente, Pedro Luiz Sympson entrega a S. M. Imperial D. Pedro II, um exemplar da sua *Gramática da Língua Brasílica*, em encadernação especial, feita no Rio de Janeiro em veludo carmesim.

De seu primeiro mandato parlamentar (1876/77), pode-se destacar a proposição para criação do Termo Judiciário com juiz letrado no rio Madeira, para atender as freguesias de Borba e Manicoré.

Em 1877, foi relator da Comissão de Fazenda, tendo como principal encargo a apresentação de defesa do projeto de lei do orçamento provincial, mais importante lei da época, na qual os políticos agasalhavam as mais diversas indicações e obrigações oficiais. Defendeu a emigração como suporte ao desenvolvimento da Província, ao mesmo tempo em que, como relator da Comissão de Agricultura, Comércio, Artes e Navegação, defendeu a redução de gastos de governo provincial, votando a favor da extinção do Estabelecimento dos Educandos e Artífices (projeto n.º 12/1876), ao lado da maioria dos deputados. Visando o mesmo objetivo – redução de despesas públicas –, deu parecer contrário à proposta do comendador Antônio José Gomes Pereira Bastos que pretendia vir do Rio de Janeiro para fundar, no Amazonas, fábricas de beneficiamento, purificação, vulcanização de artefatos de borracha com os favores oficiais à isenção de impostos gerais por quarenta anos.

É também de 1877, a concessão do Diploma de Membro da Associação Comercial do Amazonas, cuja outorga foi feita a 7 de dezembro.

Reeleito deputado provincial pela capital, para o período 1878/1879, contestou a situação em que se encontrava o Liceu pelo descaso dos professores e a desorganização da Diretoria da

Instrução Pública, ao mesmo tempo em que defendeu a organização da guarda policial de forma diferente dos corpos militares, manifestando-se contrário à prática existente do exercício de oficiais do Exército da Guarda Nacional com funções na guarda.

Pitoresco é assinalar que, quando o deputado e Padre Daniel Pedro Marques de Oliveira cogitava em sessão da Assembléia da proibição do carnaval e uso de máscaras e da necessidade do estabelecimento de impostos que coibissem o fato, Sympson manifestou-se contrário por entender, entre outros argumentos, tratar-se de impostos já eliminados, porque de conteúdo personalista.

No exercício deste mandato, sob a presidência do deputado Taciano Maurílio Torres, conservador eleito para o cargo com o apoio de quatro liberais, Pedro Sympson foi relator da Comissão de Fazenda – a mais importante da Assembléia –, integrando as Comissões de Redação e Poderes.

Deste período, deve-se destacar sua atenção na defesa da sede da Comarca do Rio Negro em Barcelos (outubro de 1878), que muitos parlamentares pretendiam transferir para Manaus, o que provocaria o completo esvaziamento populacional da antiga capital. Decidido, levantou-se contra a venda do prédio construído para o Paço Municipal, que seria transferido para o domínio do Império à guisa de recompor as finanças públicas. Sem aprovar a indicação, Sympson foi incisivo quando tratou em discurso pronunciado em outubro daquele ano (1878), das condições do edifício em negócio:

> *Não está nas condições de ser Palácio de Governo. É uma casa térrea, uma casa que não é nobre, além dos dois salões, todos os demais compartimentos são verdadeiras celas, que não têm as condições higiênicas...*

Ainda na discussão, relembra o fato de que a desativação do Estabelecimento dos Educandos e Artífices foi também justificada com a venda do prédio que, tendo custado ao governo provincial cerca de 126 contos, deveria ser transferido por apenas 76 contos de réis e, ainda assim, se processou, perdendo a Província duplamente.

Em maio de 1879, defendeu na Assembléia a conveniência de acordo com Alexandre Paulo de Brito Amorim quanto à indenização pretendida na justiça por contratos até então mantidos com o Governo Provincial, sempre tendo em vista a redução das obrigações financeiras do erário.

É neste mandato político (1878/1879) que, em discurso, definiu claramente sua posição partidária e ideológica, contestando a postura de alguns parlamentares que pareciam indefinidos, quando afirmou:

> *Eu sou conservador, os meus amigos que tratam comigo em partido, sabem que sou conservador moderno. Firme nos meus princípios e nas minhas convicções não trairei jamais e por considerações algumas às minhas crenças e por isso acompanharei as peripécias políticas a que as circunstâncias têm colocado o meu partido, com resignação.*

Para melhor esclarecer a questão política da época, concluiu o discurso:

> *Não há tolerância no partido liberal, nega-se pão e água a adversário político.*

Mesmo com esta posição definida, manifestou-se contrário ao voto de desconfiança lançado, por alguns deputados,

contra o então presidente da Assembléia Legislativa Provincial, Henrique Barbosa de Amorim que, se tivesse sido aprovado, implicaria no seu imediato afastamento do cargo.

Em abril de 1879, revelou claramente sua opinião sobre a importância da imprensa na garantia da liberdade e defesa do oprimido, quando afirmou:

> *Os direitos da humanidade, segundo se parece, cifram-se no gozo e governo de sua própria pessoa, e no gozo e faculdade de exercer os seus direitos; ora, sendo a imprensa potência universal do progresso e civilização moderna, nós não devemos restringir as suas atribuições, isto é, esses mesmos direitos, porque Sr. presidente – se a imprensa é o órgão por onde respira o oprimido, e encontra alívio aos males que o acabrunham na sociedade, é também um meio de se restabelecer a sociabilidade. Nós, como membros desta casa, devemos ser os primeiros a garantir essa liberdade; nunca concorrer, para que se lhe oponham obstáculos.*

Ainda em 1879, foi nomeado pelo governador imperial para diretor do Arquivo Público do Império, no Amazonas.

Em 1881, foi inscrito dentre os 111 eleitores vitalícios da Província, com plenos direitos reconhecidos em todo o Império, na forma da legislação eleitoral vigente, que privilegiava pequeno grupo no direito de representação da sociedade.

Em 1882, assumiu a Assembléia para novo período (1882-1883), que se renovaria no biênio seguinte (1884-1885), iniciando a empreitada ao lado de João Meirelles, Ferreira Pena, Bento Aranha, Emílio Moreira, Pe. Dácia, mantendo, de logo, ampla discussão sobre a legalidade da eleição do deputado Aprígio

Martins de Menezes, do Partido Liberal, cuja eleição foi procedida para substituir o Coronel João da Cunha Corrêa, ex-presidente da Assembléia, perdendo na votação. Ao final da mesma sessão, Aprígio Menezes foi eleito presidente da Assembléia Legislativa provincial com 8 votos contra 4, conferidos ao deputado Antony.

Na oposição ao Governo Provincial, tomou a si com veemência a fiscalização da obra do mercado do bairro dos Remédios, que deveria receber aplicação de recursos da ordem de 300 contos de réis, bem como das obras de aterro e cais, que estavam sendo processadas sem autorização legislativa em lei orçamentária. Votou a favor do estabelecimento de linha de navegação a vapor entre a capital e o interior (projeto de n.° 41/1881), na proposta de ligação de Manaus com Maués, passando por Itacoatiara, Silves, Capela e Vila Nova da Barreirinha, com seis viagens por ano.

No exercício de 1883, enfrentou a questão do abastecimento de Manaus em discurso de 12 de abril, analisando densamente os contratos e subvenções mantidos pelo governo, ao que se opuseram e foram a seguir contestados, os deputados Bento Aranha e João Meirelles, ambos governistas.

Disse em seu discurso, na ocasião, sobre a escravatura negra:

> *Faça-se a libertação, mas de acordo com a lei, com os interesses da Província, com o estado das nossas finanças.*

Concluindo por expressar a necessidade real de que fosse impedida entrada de novos escravos, não por lei, mas por ação efetiva do governo, medida que, aliada aos 100 contos de réis que indicavam para o orçamento, objetivando a manumissão em breve tempo, daria liberdade aos escravos locais, não o

fazendo, entretanto, de pronto, como pretendia a maioria parlamentar e o presidente Theodureto Carlos de Faria Souto. A Assembléia, ao final, aprovou verba de 300 contos de réis.

Manifestou-se contrário à prorrogação dos contratos de navegação por longo prazo como se discutia então, embora tenha sido sempre, e, ao longo dos mandatos que exercia, defensor da ligação fluvial regular entre a capital, o interior e outros portos. Defendia o cumprimento rigoroso das regras regimentais da Assembléia.

Vivendo uma enfermidade, não se furtou de comparecer à Assembléia para discutir as propostas de iluminação pública para Manaus, apreciando os projetos e manifestando-se favoravelmente ao sistema elétrico para substituir o de "gaz-glob", então utilizado.

Em 7 de janeiro de 1886, foi nomeado administrador da Mesa de Rendas de Manicoré no rio Madeira, por ato do presidente da Província, Ernesto Adolfo de Vasconcellos Chaves (outubro/1885 – janeiro/1887), sendo transferido para o cargo de inspetor do Tesouro Provincial, do qual desligou-se a 2 de janeiro de 1889. A 2 de maio de 1891, por decisão do vice-presidente do Estado, Coronel Guilherme José Moreira (30.6.1891 a 19.9.1891), foi nomeado diretor da Secretaria do Congresso Legislativo do Amazonas quando ocupava o posto de Major.

Muitos estudaram a língua geral, publicando trabalhos de relevância, mas sem compreensão da exata dimensão da fluência e disseminação lingüística. Assim foram: Manoel Justiniano de Seixas, com o *Vocabulário da língua indígena geral* (1853); João Joaquim da Silva Guimarães, *Dicionário da língua geral dos índios do Brasil* (1854); Antônio Gonçalves Dias, *Dicionário da língua Tupi* (1858); Francisco Raimundo Correia de Farias, *Compêndio de língua brasileira* (1858); Ernesto Ferreira França, *Crestomatia da língua brasílica* (1859); além das contribuições

valiosas de Carl Freidrich Philt von Martius (1867); Charles Fredrich Hartt (1872); o curso de *Língua Geral* do general Couto de Magalhães (1875) e, seguidamente, outros títulos de estudos regionais com ancestragem do vocabulário local, de base indígena ou não, como *O meu dicionário de cousas da Amazônia*, de Raimundo Morais (1951); *Vocabulário de crendices amazônicas*, de Oswaldo Orico (1937); *Dicionário de Brasileirismo*, de Rodolpho Garcia (1915); *Quadro synótico de normas indo-brasileiras* (1889), do R. Pennafort; *O Tupi na Geografia Nacional* (1914), de Theodoro da Matta; *Vocabulário Amazônico* (1942), de Armando Mendes; *Vocabulário Popular* (1911), de Raimundo Magalhães; *Dicionário de plantas médicas brasileiras* (1862), de N. J. Moreira, dentre outros inúmeros trabalhos. O de Sympson é dos mais completos, uma vez que as informações foram coletadas na convivência diária com os seus falantes nos confins do Amazonas.

Faleceu em Manaus, no dia 24 de setembro de 1892, às 15 horas, tendo missa celebrada na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios no dia l.º de outubro, às 7 horas, encomendada pelos seus amigos: Domingos Marinho dos Santos, Lino Augusto da Silva, Raimundo A. Azevedo, Firmindo H. da Silva, Boaventura de Paula Avelino, Francisco Boaventura Bittencourt, além da missa da família, celebrada às 7 horas do dia 3 de outubro, na Igreja de São Sebastião, cujo convite foi lançado na imprensa, firmado por Tereza B. Sympon, Pedro Luiz Sympson, Eugênio Luiz Sympson, Tereza J. Sympson, Caetano Luiz Sympson.

De larga prole, dentre outros herdeiros, estavam vivos em 1987: o neto Paulo Luiz Sympson, que fez carreira no Banco do Brasil, transferindo-se para o Banco Central, no qual aposentou-se, e que tem os seguintes filhos: Paulo Sympson Filho, economista e funcionário do Instituto Nacional de Tecnologia;

Ivan da Silveira Sympson, gerente de empresa em Manaus; os bisnetos: Pedro Luiz Sympson e Ivete de Sá Cavalcante de Albuquerque Sympson, filhos do já falecido neto Pedro Sympson (que foi casado com Dona Ivete de Sá Cavalcante de Albuquerque Sympson), irmão de Dona Helena de Sá Cavalcante de Paula; e ainda a neta, Sr.ª Daisy Maria Sympson, servindo como Oficial de Chancelaria na Embaixada do Brasil junto ao Vaticano.

Notas:

1. A data registrada consta do *Dicionário Amazonense de Biografias*, de Agnello Bittencourt. Rio de Janeiro: Ed. Conquista, p. 402. O registro do jornal, *Amazonas*, Manaus, 27.9.1892, refere-se a 25.9.1892.

2. Atendendo Aviso do Ministério do Império de 28.2.1872, com Decreto n.°4.856, de 30.12.1871, para fins da Lei de n.° 1.829, de 9.9.1870, mandou que fosse procedido recenseamento em toda a Província. O presidente general Dr. José de Miranda da Silva Reis distribuiu as leis, cadernetas e listas de famílias à comissão censitária que criou.

3. Após as eleições de 1876, eram 6 colégios eleitorais, criados em 1.°.9.1876, Portaria 309 do presidente da província: Capital, Itacoatiara, Tefé, Coari, Barcelos, Vila Bela, com eleitores fixados pelo Decreto 241, de 05.07, no total de 138 para 22 paróquias.

Gramática da Língua Brasileira

(Brasílica, Tupi ou Nheengatu)

SYMPSON

GRAMMATICA
DA
LINGUA BRASILEIRA

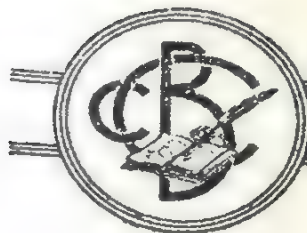
(Brasilica, Tupi ou Nheéngatù)

"Forsan et haec meminisse juvabit"
VIRGILIO

4ª EDIÇÃO

Tiragem Total 14.000 exemplares

Para uso dos brasileiros que se interessam pelas coisas patrias

EDIÇÃO DA

COMMISSÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS PATRIOS

A S. M. O Senhor

D. Pedro II

Imperador Constitucional e Defensor
Perpetuo do Brasil

Offerece, Dedica e Consagra

O AUTOR

Pedro Luiz Sympson

Nasceu a 29 de Junho de 1840, na Villa da Barra do Rio Negro, hoje Manáos, no Amazonas e falleceu a 25 de Setembro de 1892, na mesma cidade. Era filho de Caetano Luiz Sympson e D. Victoria Joaquina Guimarães Sympson. Exerceu em sua terra natal cargos elevados da administração publica. Foi deputado provincial pelo Amazonas, fez parte da commissão enviada á Belém para saudar o imperador e a imperatriz, que viajavam a bordo do "Hevelius" com destino a New-York, aonde iam assistir á exposição de Philadelphia. Alistou-se como voluntario na campanha do Paraguay, tendo entrado em varios combates com inexcedivel coragem, alcançando quatro condecorações, entre as quaes uma insignia da Ordem de Christo cravejada de brilhantes. Foi notavel philologo, polyglotta e indianista. Escreveu: "Grammatica da Lingua Geral Brasilica", "Uma autobiographia" e o "Diccionario da Lingua Geral Brasilica", muito elogiado em 1926, pela Academia de Letras. Quando falleceu tinha o posto de major.

"Jornal do Brasil", 27-11-930.
Galeria Nacional

B. F. Ramiz Galvão

O nome de Pedro Luiz Sympson pertence por igual á Historia patria, como defensor, que foi da nossa querida bandeira na campanha do Paraguai, e ás Letras nacionais, como cultor da lingua dos nossos aborigenes.

Tendo Sympson vivido por espaço de anos em contacto com as tribus tupis do Amazonas ganhou amor á lingua dos incolas, — essa que ali se chamava o *nheéngatú*, a "lingua bôa", e nela se fez mestre.

O precioso fruto daquela convivencia deu lugar á composição da *Gramatica*, que Sympson deu á estampa em 1877, e que agora aparece em quarta edição, graças á diligencia de um dos seus dignos descendentes.

E' mais um valioso cóntigente que se adiciona aos trabalhos do venerando Anchieta, dos padres Luis Figueira e Ruiz de Montoya, do bispo Moraes Torres, do imortal Gonçalves Dias o cantor do *Ijucapirâma*, do operoso Barbosa Rodrigues, do sabio Baptista Caetano, dé Ermano Stradelli e de varios outros que se votaram ao estudo da lingua geral dos primitivos habitantes da nossa muito amada terra.

Essa lingua deixou amplos vestigios na Geografia nacional, como fartamente o demonstrou em exce-

lente livro o sr. dr. Theodoro Sampaio. Dela se encorporaram inumeros vocabulos á lingua portuguesa que falámos do Cotingo ao Chui, hoje patrimonio de 40 milhões de Brasileiros, — vocabulos já em boa parte consignados num valioso subsidio devido á lavra do sr. dr. Rodolfo Garcia, tambem autoridade nestes assuntos.

Essa lingua, de espantosa flexibilidade, merece supervivencia e cultura. A nova edição da *Gramatica* de Sympson é pois benvinda e sê-lo-á igualmente o *Dicionario* que para breve se anuncia.

Rio, 19 de Agosto de 1933.

Dia sim, dia não

Sempre que me é possivel, não deixo passar em silencio a noticia de qualquer trabalho brasileiro acerca da civilisação e da lingua mais conhecida e fallada dos nossos indios.

Não fallo como americanista ou tupinologo, cousas que infelizmente não posso ser. Fallo como um brasileiro que preza a cultura nacional, não só no presente mas nas suas origens, tão desmerecidas por outras preoccupações mais efficientes ou mais graves.

A nossa Faculdade de Lettras, que é o Collegio Pedro II, ainda não incluiu nos seus cursos (onde ha uma problematica sociologia) a disciplina que mais interessa á nacionalidade brasileira no que respeita ás suas origens.

Essa desattenção talvez não dure muito.

Comtudo, não devem passar despercebidos os trabalhos de modestos autores que consomem o tempo na pesquiza e no estudo de tão ardua materia.

Agora apparece em edição nova a *Grammatica da Lingua Brasileira* (entende-se, aqui: o tupi ou *nheéngatú* da Amazonia, que foi mais ou menos a antiga lingua geral dos primeiros tempos).

A *Grammatica Brasileira* ou *tupi*, foi escripta pelo Major Pedro Luiz Sympson, impressa em 1876 e

já esgottada e rarissima antes da reedição que neste momento acaba de fazer o neto do autor, o jornalista sr. Themistocles Cunha.

O Major Sympson, que combateu na guerra do Paraguay, deixa ainda inedito um precioso vocabulario.

A lingua tupi-guarany para nós é uma lingua primitiva que, todavia, ainda se falla entre os chamados tapuias da Amazonia e outras gentes de Matto-Grosso. E', porém, lingua viva, vulgar e quasi unica no Paraguay e em certas regiões da Argentina e da Bolivia.

As nossas contribuições neste ramo de estudos datam de Anchieta, no primeiro seculo da colonisação. E a essa continua corrente pertencem os nomes antigos e modernos dos Padres Luiz Figueira e Memmiani, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Baptista Caetano e outros muitos.

Dos ultimos que estudaram o tupi podemos aqui relembrar Tastevin e Adaucto de Alencar Fernandes, autores ambos de vocabularios e grammaticas.

De trabalhos ineditos ha um do Major Tenorio, o diccionario de Sympson e outro de Rodolpho Garcia.

Fallo apenas daquillo que conheço directamente, mas é provavel que muita cousa escape a minha noticia.

Neste como em outros muitos assumptos, falta-nos um orgão de concentração, uma revista de estudos especialisados para onde poderiam convergir as monographias e os fragmentos esparsos em folhas avulsas e em revistas de indole diversa.

Assim é que substancioso proveito ha que respigar na grande collecção da revista do nosso Instituto Historico, no Archivo Publico do Pará, na Revista da Lingua Portugueza.

Ainda ha pouco, no orgão do Instituto Historico do Rio Grande do Sul, sahiu um trabalho recente e consideravel do Major Souza Docca sobre os — Vocabulos indigenas na Geographia Riograndense.

Essa contribuição, agora impressa em *separata*, completa o livro de Theodoro Sampaio — O tupi na geographia nacional — que não é preciso encarecer.

Não temos editores que se animem a emprezas de lucro duvidoso e problematico. Mas, sem grande ambição, que seria possivel, sem prejuizo material, manter uma revista de estudos americanos que comprehendessem o folck-lore, a ethnographia, a linguistica e outras especies congenitas da cultura nacional.

Dest'arte aquillo que se acha esparso em fragmentos perdidos, raros ou inaccessiveis a coordenação util e indispensavel ao estudo.

Infelizmente, não tenho autoridade para nobilitar uma propaganda que é a mesma da nossa historia, sob um dos aspectos mais curiosos e interessantes.

Por ventura não chegou ainda o momento exacto dessa realização que fica, por emquanto, num desejo vago e inexpressivo.

João Ribeiro.

Jornal do Brasil — 20 — 10 — 925.

COUTO DE MAGALHÃES

"Cada nova lingua que se estuda, é mais importante para o progresso da humanidade do que a descoberta de um genero novo de mineraes ou de plantas.

Cada lingua que se extingue, sem deixar vestigios escriptos — é uma importante pagina da historia da humanidade — que se apaga, e que depois não poderá mais ser restaurada".

O SELVAGEM.

Introducção XXXIX

CONSTANTINO TASTEVIN

A lingua tupi faz parte do patrimonio nacional brasileiro. Possa este modesto trabalho pôr em melhor evidencia o valor desse bem commum, e facilitar o estudo de uma lingua nacional e facil, que todos os brasileiros cultos deveriam conhecer pelo menos nos seus pontos essenciaes.

Grammatica da Lingua Tupi, pag. 4

THEMISTOCLES CUNHA

— E' tão facil o manejo da lingua brasilica e tão suceptivel de estylisação que, se se a ensinasse seria entre todas as linguas cultas do universo, a maiş bella entre as que falla o mundo civilisado.

Ninguem a poderá taxal-a de movimento grosseiro, posto que os vocabulos, — Ipanema, Tijuca, Guanabára, Paquetá, Carióca, Ypiranga, Jahú, Ceará, Pernambuco, Pará, Aracajú, Paraná, Coritiba, Goyaz, Cuiabá e outros ahi estão para refutar o absurdo dessa illogica asserção. Só os que não conhecem a estructura do idioma em questão, são capazes de semelhantes disparates.

DR. ERNESTO FERREIRA FRANÇA

"A importancia maior que vão adquirindo de dia em dia estes estudos, reclama com instancia a reimpressão de muitas obras deste genero que se tem tornado de summa raridade; assim como a impressão de ineditos valiosos, a maior parte dos quaes apenas por remotas referencias se conhecem".

Chrestomathia da Lingua Brasileira, Pagina 227

ADAUCTO DE ALENCAR FERNANDES

"O que me levou de vencida, calcando-me bem no intimo d'alma toda a santa modestia de que sou possuidor, foi um sentimento muito bem maior.

O meu nome de brasileiro foi que me arrojou á publicação do presente trabalho, fazendo-me acalentar *commigo, um sentimento de amor e patriotismo".*

....

— Como brasileiro que se orgulha da terra em que nasceu, na confecção deste fatigante trabalho, apenas tive de ceder a necessidade de um sentimento todo muito meu: — a nacionalisação *do nosso* nacionalismo, *verdadeiro dever que a consciencia me ditou, e o meu grande amor á patria me fez obedecer.*

Grammatica Tupi, Paginas 7 e 8

BARBOSA RODRIGUES

"Como um protesto, pois, contra a falta de patriotismo daquelles que desprezam a lingua patria pela estranha, ficam estas paginas, em que reinvindico a pronuncia dos senhores da terra que me embalou e guardará meus despojos, com favor de Deus.

Vocabulario Indigena, Pagina 39

ULYSSES PENNAFORT

"Sim! eu acho incrivel, absurdo mesmo, que os orientalistas, que os litteratos d'além-mar nos occusem de não saber a lingua materna, a lingua brasilica, a lingua americana, a lingua nacional.

— Clama! clama! ne cesses!".

Quadro Synoptico dos Nomes Indo-Brasilénos, Pagina 12.

MENDES DE ALMEIDA

"A lingua tupi é bella e sonora; e nada das dos conquistadores da America tem ella a invejar.

Na composição de palavras e nomes pode ser reconhecido o finissimo engenho dos sabios da raça.

As fórmas grammaticaes, como os tropos e figuras, manifestam a sua eximia perfeição.

Não deve ser confundida com os dialectos mais ou menos grosseiros das subnações. A lingua tupi foi e é sempre a lingua geral".

Diccionario Geographico da Provincia de São Paulo

Introducção II

"A lingua de um povo, é a forma apparente e visivel do seu espirito."

WILLEMAIN.

Se nacional é a expressão generica de tudo quanto se emana do territorio patrio, incontestavelmente a lingua tupi, é idioma nacional, — dest'arte lingua brasileira, — cujos caracteres e vestigios são partes integrantes da historia do Brasil!

JUSTINIANO DANTAS.

O sentimento legitimo de brasilidade, é o de investigar os estudos nacionaes, conhecel-os embora superficialmente em todos os seus pontos preliminares; é de lastimar que um brasileiro não saiba a designação da palavra — carióca, — e outras tantas que compõem a nomenclatura da maioria dos Estados brasileiros!

GUSTAVO DE ANDRADE.

Quod munus republicae magis meliusve afferre possumus quam si docemus, atque erudimus juventutem?

QUINTILIANO.

A Academia Brasileira de Letras e o "Diccionario da Lingua Geral Brasilica", por Pedro Luiz Sympson.

Tendo sido nomeada uma commissão de parecer pela Academia Brasileira de Letras, afim de julgar o trabalho do Major Pedro Luiz Sympson, commissão composta de tres membros, assim se referiu o academico João Ribeiro, como relator da alludida commissão:

"Dos poucos vacabularios que possuimos, nenhum delles, nem o de Gonçalves Dias, nem o de Tastevin, nem o de Barbosa Rodrigues ou o de Baptista Caetano, apresenta volume e desenvolvimento maior que o de Sympson. E' assás minuncioso quanto aos nomes da flora, da fauna e da geographia, e muito menos que o de Tastevin inclue vozes extranhas e portuguezas, como se foram indigenas. E' obra, portanto de valor intrinseco indiscutivel quaesquer que sejam os defeitos inseparaveis nesta especie lexicographica; consideramos verdadeira perda para as lettras e para os estudos nacionaes o facto de ainda permanecer inédito um trabalho que, a todas as luzes que se considere, merece ser publicado e divulgado, antes que desappareça extraviado, perdido, ou estragado pela acção do tempo". (*)

(*) Lido em sessão de 8 de Abril de 1925, e publicado no "Jornal do Commercio", de 12 do mesmo mez e anno.

Instituto Geographico e Historico do Amazonas

(Fundado a 25 de Março)

Manáos, 5 de Agosto de 1924.

Exma. Sra. D. Thereza Sympson Viamonte.

Nesta

De ordem do Snr. Presidente, tenho a honra de accusar o recebimento de um exemplar da Grammatica da Lingua Brasilica Geral, *fallada pelos aborigenes das Provincias do Pará e Amazonas, edição de* 1877, *de Manáos, e de autoria do saudoso Major Pedro Luiz Sympson; bem assim, um masso de papeis contendo uma auto-biographia do mesmo autor, acompanhada de uma collecção de cartas autographas, de varios homens notaveis do Paiz.*

Venho agradecer a V. Ex., assim como aos seus dignos irmãos Manoel Luiz Sympson, Exmas. Sras. Anna Sympson de Amorim e Rosa Sympson Monteiro, a valiosa dadiva desse livro e documentos, com que o Instituto vae enriquecer sua Bibliotheca e Archivo.

Sirvo-me do ensejo para significar a V. Excia. a expressão do meu respeito e estima.

Saudo a V. Excia.

(*Assig.*) AGNELLO BITTENCOURT
1° *Secretario*

Senhor

Hoje que, como membro d'Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas, tenho a honra de fazer parte da commissão que veiu especialmente saudar a V. M. Imperial e a Sua Augusta e Virtuosa Consorte, aproveito o ensejo para offertar á V. M. a minha "Grammatica e Diccionario da Lingua Geral" *— que acabo de compôr, e rogo a V. M. Imperial haja de patrocinar o seu acolhimento, como amante e protector da literatura nacional.*

Esta lingua vernacula que estava quasi morta e perdida e, a cujo estudo me dediquei como verdadeiro patriota, afim de descobrir os seus segredos, acha-se felizmente restabelecida por mim.

Nem os Anchieta, nem os Figueira, Vegas, Martius, Spix, Seixas e Farias, etc., estudaram a Lexicologia da lingua e penetraram no genio d'ella para a reduzirem a um methodo grammatical analytico: pois bem, Senhor, desvaneço-me em assegurar a V. M. Imperial que, a lingua do meu Paiz, comquanto ainda não esteja cultivada, não é pobre de vocabulos, é de facil comprehensão e digna de ser falada por todos os brasileiros.

Amparado o meu debil trabalho pela protecção e nome de V. M., vou mandar publicar a "Grammatica e Diccionario da Lingua Brasilica", *geral, ou franca.*

E' um tributo que pago á minha Patria n'este dia de jubilo para commemorar a passagem de V. M. Imperial pela fóz

do Rio-Mar da minha Provincia — o Amazonas, — a qual não desfallece na esperança de um dia receber V. M. Imperial nas suas aguas.

Dignando-se V. M. Imperial acceitar esta humilde offerta, que deposito aos pés de V. M., dou-me por bem pago do serviço que presto por amor a minha Patria.

De V. M. Imperial
humilde subdito

Pedro Luiz Sympson

Pará, 5 de Abril de 1876.

O Augusto Imperador acolheu com indizivel satisfação a offerta do illustre sr. Sympson e pediu-lhe que lhe enviasse seus livros a Philadelphia, ou onde quer que S. M. estivésse, pois que ligava muita importancia ao assumpto. (*)

(*) Da — Constituição — Jornal de Belém do Gram-Pará, n. 77, de 6 de Abril de 1876.

PROLOGO

Lidando desde menino entre os indigenas da minha Provincia, acostumei-me a ouvir as palavras da lingua — brasilica geral — e assim aprendi a falar praticamente.

Desejei estudal-a com perfeição, porque se me dizia que era uma lingua composta pelos jesuitas, que a ensinaram aos indios do Brasil com a descoberta da America!

Procurei livros que tratassem deste idioma e por mais diligencias que puzésse em pratica não pude conseguir um só e resolvi-me, então, a colleccionar os vocabulos que sabia e ia aprendendo, e por fim lembrei-me de compôr um — opusculo grammatical — para vêr se a lingua do Paiz, de que todos nós deviamos usar, não se perdia inteiramente e se era susceptivel de perfeição philologica.

Lutei por muito tempo com um grande obstaculo, — a falta de habilitações, — que me tolheu os passos, e vacilei na composição da obra, mas, não desanimei, antes de tudo sobrava-me força de vontade e esta fez com que temerariamente principiasse o trabalho sem calcular os embaraços, escudando-me n'aquella maxima de Labruyere: "é das difficuldades que nascém os milagres".

Recordei, portanto, o pouco que aprendi e com o correr de muitos dias de aturada meditação e trabalho, penso ter conseguido, como humilde operario realizar a minha idéa, compondo este livrinho somente por dever de patriota e por amor á utilidade social, o qual acommodei theoricamente á lingua portugueza, por ser a que falámos, sem comtudo desprezar a sua naturalidade pratica. **Omnia vinci labor improbus.**

Algumas vozes reduzi ao estylo phonetico, assim como estabeleci os ditongos, tritongos, prolações e as particulas

verbaes, que tem a lingua, para mais facilmente ser comprehendida.

Possa este serviço, agora, ser util á catechese de milhares de selvagens, que ficarei satisfeito por ter carregado a minha pedrinha para o edificio do progresso nacional.

Depois de escripto este opusculo, veio-me ás mãos o **Glossaria Linguarum Brasiliensis**, por Martius, que a verdade manda dizer, não escreveu o que ouviu pronunciar, entretanto, para quem sabe a lingua, não deixa de ter alguma utilidade curiosa.

O illustre e distincto sr. Coronel Farias emprestou-me por alguns dias um compendio seu, bem como a grammatica do Padre Luiz Figueira, jesuita missionario, escripta e publicada no anno de 1685, de cuja obra, hoje, quasi nada se aproveita, porque confundiu de tal sorte a lingua, ora latinizando-a, dando-lhe desinencias que não tem, ora formando uma especie de geringonça, porque reuniu diver sas palavras de differentes girias em uma e em multissimas outras polysilabicas para formar phrases que na lingua geral não têm a significação que entretanto elle dá.

Li tambem um vocabulario do Rvdm. Padre Seixas, que pode ser aproveitado, embora muito resumido, assim como tambem o "Diccionario" por Gonçalves Dias, depois de convenientes retoques, porque pécca por excrescencias, ao meu ver, desnecessarias.

Tenho firmado a minha opinião de que esta lingua não foi inventada e ensinada pelos jesuitas!... Aos que ainda crêem n'essa infundada tradição, digo-lhes que não pensem mais em tal.

A origem da lingua brasilica, bem como a de todas as mais do universo, quer cultas, quer incultas, pertence aos arcanos da Divindade, os quaes não nos é dado prescrutar.

Não é esta lingua filha artificial da Tupi como disse Martius, mas sim a legitima.

Nem tambem é propriamente d'agglutinação para emprestar-se-lhe "escassez" de palavras capazes de flexões

graduadas e qualificar-se por isso de pobrissima em vocabulos e de "grosseiro" movimento! Quem isto asseverou não conhecia a lingua.

Deparei ainda com um trecho, referindo-se ao prologo do "Diccionario Portuguez Brasiliano", em que se nota, entre outras faltas, as de não possuir a lingua os verbos auxiliares, a vóz passiva, accidentes do nome, etc.; entretanto assim não é, como melhor se certificará o leitor do nosso livrinho, quado chegar a conjugação dos verbos.

Julgo apropriado o qualificativo — geral — que se addiciona á lingua, porque, fala-se ella em quasi todo este Continente.

No Estado Oriental, Argentina e no Paraguay, onde militei de 1865 a 1867, reconheci que ali não sómente entre os indigenas, como entre muitas familias civilisadas, fala-se este mesmo idioma, com o nome porém de — guarani, — com alguma differença é verdade, como talvez na proporção em que está o hespanhol para o portuguez.

Eu, ali, entendia-me perfeitamente com os naturaes, com elles conversava sem o menor embaraço.

Haja mais um pouco de esforço da parte dos que se interessam pelo progresso dos conhecimentos humanos e aninham sentimentos verdadeiramente patrioticos que a lingua ficará cultivada, completa e vulgarizada ao menos na America meridional.

Devotado de coração ao meu Paiz, desejo que a lingua natural delle, seja aperfeiçoada e diffundida e não sobrepujada por uma outra á força naturalisada.

Bem sei que não será tão cêdo que se ha de realisar este pensamento, mas, quem sabe?!... alimento a esperança de que a semente lançada na terra de Santa Cruz, ha de germinar, crescer e produzir bons fructos.

A Posteridade o dirá.

Devo aqui confessar que não tenho a tôla vaidade de ter escripto uma obra perfeita, não; por tanto, como arte theorica, os mestres corrigirão as lacunas e deficiencias que tiver; o que porém, em consciencia posso garantir é

que, nella, ficam gravados os elementos fundamentaes e verdadeiros de uma lingua suave, facil, delicada e elegante, reduzidos a um systema analytico e que se finava, máo grado meu o digo, devido ao indifferentismo nacional!

A Assembléa Legislativa Provincial que, em sua quasi unanimidade e muito expontaneamente dignou-se votar uma verba para a impressão da minha "Grammatica e Diccionario", dando por esta forma um subido apreço a este trabalho, o que é já uma distincta honra para mim, consigno aqui o meu agradecimento.

Este acto patriotico, prova já o interesse que os illustrados deputados tomam pela cultura da lingua nacional, que caminhava a passos largos para a sua total degradação e destruição.

Mas, como tudo n'este mundo é contingente, a lei votada n'este sentido foi em acto successivo anniquilada!...

Dentre os deputados houve um, o sr. Major Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães, que assumindo, poucos dias depois de encerrada a Assembléa, a administração da Provincia, como seu 2.º Vice-Presidente e querendo dá uma prova senão do seu "patriotismo" mas do seu amor as lettras, condemnou a obra no auto de fé e á fogueira — não sanccionando a lei, sob o frivolo pretexto de ser uma mercê o acto da Assembléa e que, como tal, só o poder executivo geral podia conceder!

Nada teria a dizer do sr. Vice-Presidente se, o seu interesse em guardar a Constituição, fosse igual para todos; mas, ao passo que negava sancção ao projecto que auxiliava á impressão da minha "Grammatica", outros sanccionava aposentando a empregados demittidos, ha muitos annos, com os ordenados actuaes e sem terem o tempo de exercicio marcado na lei, e não achou que isso era contrario á Constituição, como aliás o tem declarado o Governo Imperial!

Deste procedimento, devo inferir que a "justiça" de S. Exc., quando tem de si pôr ao lado da Constituição e das leis, examina, não só as pessoas, como as coisas e

decide, não segundo o direito, mas conforme o "merecimento" que lhe inspira uma e outra coisa.

Máo grado, porém, a este acto de S. Ex., a minha 'Grammatica" será impressa, com sacrificios que não posso fazer actualmente, e S. Ex. ficará com a triste gloria de ter negado um justo óbulo a uma obra, que, pelo menos, fornece elementos para o estudo philologico, quando outro merecimento não possa ter, maximé, subvencionando a Provincia tão largamente emprezas de toda ordem.

Finalisando, cumpro o dever de agradecer á imprensa o favor que fez de annunciar o meu livro, para o qual, peço a correcção dos doutos, acceitando gostoso a critica judiciosa da opinião publica.

Manáos, 29 de Julho de 1876.

Grammatica da Lingua Brasileira

(Brasilica, Tupi ou Nheéngatú) (*)

CAPITULO I

ALPHABETO

O Alphabeto da lingua brasilica compõe-se de dezenove letras, que são as seguintes:

A B C D E G H I M N O P Q R S T U X Y

Os sons destas letras são os mesmos que em portuguez, á excepção do *r* que é sempre brando, quer esteja no principio, quer esteja no meio das palavras.

Valor Das Vogaes

O *a* tem quatro sons:

a simples, como na palavra portugueza — ama, ex: *Ma-ri-ca,* que significa barriga.

(*) *Nheénga,* lingua, falla; *gatú,* bom, bôa, — corruptela de: *catú.*

ã como na palavra *cunhã*, (*) mulher.
à como na palavra *tà-uá*, villa.
á como na palavra *tá-tá*, fôgo.

O *e* tem dois sons unicamente.

e fraco, como o da palavra portugueza — cear; ex:

Pe-te-ma, tabaco; em que se pronuncia as syllabas *pe-te*, com o som unicamente das letras *p* e *t*.

é aberto, como o da palavra *i-pé-ca*, pato ou pata.

O *i* tem o mesmo som que em portuguez.

O *o* tem dois sons:

ô fechado como na palavra portugueza — avô, ex: *Xé-pô*, sipó; *ô-ca*, casa.

ó aberto, como o da palavra portugueza — avó, ex: *Pó-ro-ró-ca*, borbotão d'agua; *só-có*, passaro deste nome; *mo-ro-to-tó*, madeira fraca.

O *u* tem tres sons:

u simples, como na palavra portugueza — tumulo; ex: *Pu*, mão.

ü que sem o auxilio de mestre se não pode pronunciar e que escreveremos sempre em caracter tremado, especie de *ü* francez, que se pronuncia entre *u* e *i* ex: *San-ta-mü-ca*, direito; *su-mü-ca*, roixo.

û gutural, que escreveremos sempre com accento circumflexo, como no ex: *û*, agua; que sem o auxilio de mestre tambem se não póde pronunciar.

y sôa como dois *ii* sempre que estiver entre duas

(*) *Cunhã* ou *cunhán*.

vogaes, ou no fim de alguma palavra, ex: *Iá-yû-ra,* pescoço; *tu-hy,* sangue; *ia-pu-my,* mergulhar.

Ditongos

Temos dezeseis ditongos:

ae	como na palavra	portugueza	—	cáe; ex: *Ca-ráe,* arranhar.
ai	«	«	«	pai, ex: *Cái,* queimar; *muça-rai,* brincar.
ao	«	«	«	páo, ex: *Qui-ri-máo,* forçoso.
au	«	«	«	pauta, ex: *Su-pa-páu,* quinta-feira.
ei	«	«	«	lei, ex: *Iu-céi,* desejar.
eo	«	«	«	céo, ex: *Sa-éo-ua,* queixo.
eu	«	«	«	eu, ex: *Meu-é,* devagar.
ia	«	«	«	pia, ex: *Ia-pó-na,* forno; *ia-pu-cui,* remar.
ie	«	«	«	vier, ex: *Ie-uû,* terra.
io	«	«	«	ouvio, ex: *Io-ráu,* desmanchar.
iu	«	«	«	vestiu, ex: *Iu-qua-çú,* sexta-feira.
oi	«	«	«	foi, ex: *Poi-té,* mentira; *oitá,* nadar.
ou	«	«	«	outro, ex: *Mu-tu-ou,* domingo.
ua	«	«	«	qual, ex: *Qua-á,* este ou esta.
ue	«	«	«	que, ex: *Ué-he-na,* vomitar; *qué-té-ca,* ralar; *ué-re,* boiar; *ué-ra,* mundo.
ui	«	«	«	fui, ex: *Pui-tá,* ficar.

Tritongos

Temos quatro tritongos:

aia como nas palavras *So-áia,* rabo; *páia,* pai.
uau « « « *Quáu,* saber.
uei « « « *Se-quei,* puxar.
ueu « « « *Queu-era,* irmão.

Prolações

A lingua brasilica tem, como em portuguez, as prolações *ch, nh;* ex: *Chá putáre,* eu quero. *Rê má-nha,* tua mãe. *Rá-nha* dente. *Nhe-é,* alguidar.

Figuras Da Dicção

Aphérese ex: *Ui-rá-pá-ra,* por *muirápára,* arco; *ánha,* por *ra-nhá,* dente, etc.

Syncope ex: *Iauaraeté,* por *Iauaráreté,* onça; *sanhaçú,* por *sanhaua-çú,* porco.

Apócope ex: *A-cán,* por *acánga,* cabeça.

Synalepha ex: *R'ire,* por *re-ire,* de mais; *cunh'ambûra,* por *cu-nhã am-bû-ra,* mulher morta.

Metáthese ex: *Mupúretéca,* por *mu-rú-pe-té-ca,* formigão; *nidé* por *indé* tu, etc.

Próthese ex: *A-ca-iú-tó-ba,* por *ca-iú-tó-ba,* cajueiro, arvore do cajú; *a-ca-iú-te-ua,* por *ca-iú-te-ua,* cajueiral, abundancia de cajueiros.

Antithese ex: *Cu-i-re-ána,* por *cu-e-ré ána,* (*) aborrecido.

(*) *Cuire,* agora, neste instante; *cueré,* enfadar, consumir. Antíthese: opposição de sentido.

CAPITULO II

PALAVRAS

As palavras da lingua brasilica dividem-se em substantivo, adjectivo, verbo, preposição, adverbio, conjuncção e signaes.

Substantivo

SUBSTANTIVO é uma palavra que por si só dá idéa de uma pessôa, ou coisa, seja real, ficticia, corporal ou espiritual; ex: *Ape-gáu-a,* homem. *Cunhã,* mulher. *An-ga,* alma. *Tupã,* Deus. *Iu-ru-pa-ry,* diabo.

O substantivo divide-se em proprio, commum, collectivo, verbal ou composto; ex: *Tu-cu-na-ré,* o peixe tucunaré. *Mun-du-rú-cú,* a tribu Mundurúcú. *Mu-i-rá,* páo. *Se-can-tá,* breu. *Pa-ra-uá,* papagaio. *Pe-ca-çú,* pomba ou pombo. *Ta-i-na,* criança. *Pu-té-ra,* flôr. *Se-tá,* porção. *Mi-ra,* gente, povo.

O substantivo verbal ou composto, forma-se do infinito dos verbos com as particulas, *sá-ua* que exprime logar, onde a significação do verbo exerce a sua influencia, acção e instrumento; *uá-ra* que exprime o objecto ou paciente; *sá-ra,* que significa a acção, ou acto e o sugeito que o pratica; assim como o pronome relativo *u-aá* que sempre denota o sugeito que exerce a acção; ex: *Mo-ce-ró-ca,* é o verbo que significa bap-

tisar; delle comporemos os seguintes substantivos verbaes;

Mo-ce-ró-ca-sá-ua, baptisterio, lugar onde se baptisa, ou onde está a pia.

Mo-ce-ró-ca-uá-ra, baptisado.

Mo-ce-ró-ca-sá-ra, baptismo, funcção baptisante.

Mo-ce-ró-ca-u-aá, baptisante, o que baptisa.

A particula *oéra* posposta aos substantivos primitivos os adjectiva; ex:

Su-é-rum, ciume ou desconfiança.

Suérum-oéra, ciumento, desconfiado.

E quando é posposta aos adjectivos os substantiva, ou forma novos adjectivos; ex:

Pu-xi, máo; *pu-xi-oéra,* o feio, o perverso, depravado, etc.

Os substantivos da lingua brasilica, nunca mudam de terminação e por isso não têm plural, nem genero; ex: *Pi-xá-na,* gato ou gatos, gata ou gatas. *Ia-uá-ra,* cão ou cadella, ou cães; as vezes accrescenta-se ao substantivo o signal do plural *itá,* que dá aos nomes um tom determinativo; ex: *Ia-uá-ra-itá,* os cães. *Pa-y-itá,* os padres. *Pi-rá-itá,* os peixes. *Mi-ru-á-itá,* os espelhos, etc.

Ha muitos substantivos que só servem para o masculino e muitos para o feminino; ex: *Mú,* irmão ou irmãos. *Ren-de-ra,* irmã ou irmãs. *Ape-gáu-a,* homem. *Cunhã,* mulher. *Me-mü-ra,* filha. *Ra-ü-ra,* filho.

Augmentativos e Diminuitivos

Os augmentativos e diminuitivos tambem se formam por meio de signaes, sendo *uaçú* e *reté,* para ó augmentativo; ex: *Cu-ru-mi-uaçú,* rapagão. *Ia-quá-i-mu-reté,* toleirão.

Mery, para o diminuitivo; ex: *Pa-ra-ná-me-ry,* rio pequeno. *Pirá-me-ry,* peixinho.

O *i* posto no fim de algumas palavras tambem é signal de diminuitivo; ex: *Comandá,* fava. *Comandá-i,* favinha. *Pirá,* peixe. *Pira-i,* peixinho. *Muirá,* páo. *Muirá-i,* varinha, etc.

As dicções *sára* e *uára,* pospostas ao infinito dos verbos umas vezes formam substantivos compostos, outras vezes formam adjectivos de dois generos. ex: *Iucá-sára,* mortifero. *Iucá-uára,* morto.

CAPITULO III

ADJECTIVO

O Adjectivo é uma palavra que qualifica o substantivo a que se ajunta.

Os adjectivos não têm plural, nem genero porque não mudam de terminação; ex: *Pi-tú-a,* mofino ou mofina. *Cu-ru-mi pi-tú-a,* menino mofino. *Cu-ru-mi i-tá pi-tú-a,* os meninos mofinos. *Cu-uhã-tán itá pi-tú-a,* as meninas vadias. *Ma-ri-ca pó-ra,* barriga cheia. *Ca-mu-ti pó-ra,* pote cheio. *Cá-ri-ua po-rán-ga,* homem branco bonito. *Cu-nhã po-rán-ga,* mulher bonita. *Cu-nhã cá-ri-ua po-rán-ga,* mulher branca bonita. (*)

Usa-se do signal *ima* depois do adjectivo *póra* para exprimir que uma vasilha ou outro qualquer objecto está vasio; ex: *Ó-ca-pó-ra ima,* casa vasia, deshabitada. *Ca-mu-ti póra ima,* pote vasio, etc.

A palavra *ima* corresponde a preposição portugueza — sem; indica a falta, a ausencia, etc.

Gráos De Qualificação

Como os adjectivos não mudam de terminação,

(*) A palavra *cáriua* é indicativa de gente branca — *cáriua* — por si só quer dizer — o branco, isto é, o homem branco. Para o feminino é preciso antepor a palavra — *cunhã.*

forma-se o comparativo e superlativo por meio de signaes. O signal *péure,* para o comparativo; ex: *To-ruçu péu-re;* maior, e o signal *reté,* para o superlativo; ex: *Catú reté,* muito bom.

O positivo exprime-se sem signal; ex: *Ca-tú,* bom. *Pi-rán-ga,* vermelho. *Mu-ru-tin-ga,* branco. *Pi-xú-na,* preto. *Sui-qui-re,* azul. *Su-mü-ca,* roixo. *Ia-que-re,* verde, etc.

Querendo-se comparar as qualidades dos objectos entre si diz-se por ex:

Esta flôr é melhor que aquella.

Qua-á po-té-ra catú péu-re nha-á.

Cuja traducção literal é:

Esta flôr é melhor aquella — ficando sem equivalente o *que* copulativo.

Adjectivos Possessivos

Se meu, minha; meus, minhas; o meu, a minha: os meus, as minhas.

Ne teu, tua; teus, tuas; o teu, a tua; os teus, as tuas.

Re ou *i* seu, sua; seus, suas; o seu, a sua; os seus ,as suas; delle, ou della; delles, ou dellas.

Iané nosso, nossa; nossos, nossas; o nosso, a nossa; os nossos, as nossas.

Penhé ou *pe* vosso, vossa; vossos, vossas; o vosso, a vossa; os vossos, as vossas.

Aitá ou *entá* seu, sua; seus, suas; o seu, a sua, os seus, as suas; delle, della; delles, dellas.

O pronome *i* é possessivo relativo, refere-se sempre á pessoa de quem já se falou, ex:

A criança cujo pai morreu é orphã.
Ta-i-na i páia hu manú, i páia ima.

Adjectivos Demonstrativos ou Relativos

Quaá este, esta, isto.
Quaá itá estes, estas, estas coisas.
Nhaá aquelle, aquella, aquillo.
Nhaá itá aquelles, aquellas.

Suhy ou *chihy* tambem é signal de possessivo, mas só se applica ás 3.as pessoas; ex: *Quaá suhy* ou *chihy* deste, desta, destes ou destas, destas coisas.

Nhaá suhy ou *chihy* daquelle, daquella, daquelles, daquellas, daquellas coisas.

Recé delle, della, delles ou dellas.
Secé de si, ou para si, etc.

Adjectivos ou Pronomes Relativos

Uaá o que, a que, os que, as que, o qual, a qual, os quaes, as quaes.

Este relativo sempre se pospõe aos verbos, ao contrario do que se usa em portuguez; ex:

Aquella senhora que dansou commigo.
Nhaá cunhã hu puracé uaá se iruma.

Viste aquella dama que commigo conversava?
Re mahá será, nhaá cunhã hu porunguetá uaá se iruma?

O homem que eu amo.
Apegáua chá saiçú uaá.

Demonstrativos Conjunctivos

Auá quem, qual, que coisa?

Chamam-se phrases conjunctivas quando consta de mais de uma palavra; ex: *auá-taá?* quem, ou qual, delle, ou della, delles, ou dellas?

Maá que, qual? ou qual coisa?

Maá taá a que? o qual? a qual coisa? ex:

O que queres negro?
Maá taá re putáre tapaiúna?

Adjectivos ou Pronomes Pessoaes

Iché, ou *chá* eu, me, mi, migo.

Iné, ou *re* tu, te, ti, tigo.

Ahé, ou *hu* elle, ou ella, o, a, lhe, se, sigo.

Iané, ou *iá* nós, nos, nosco.

Penhé, ou *pe* vós, vos, vosco.

Aitá, (*) ou *entá,* ou *hu* elles, ou ellas, os, as, lhes, se, si, sigo.

N. B. — *Ahé* nunca se usa sem *hu,* que é antes um signal da 3.ª pessoa; entretanto que *hu* usa-se frequen-

---

(*) A palavra *aitá,* quando é precedida de vogal, perde por *aphérese* a primeira letra, e se escreve então *itá,* sómente.

P. Nós somos ou estamos *Iá icú,* ou *iané* IÁ *icú.*
Vós sois ou estais *Pe icú,* ou *penhé* PE *icú.*
Elles ou ellas são, ou estão *Hu icú,* ou AITÁ, ou ENTÁ HU *icú.*

Preterito Imperfeito

S. Eu era, ou estava *Chá icú iepé,* ou *iché icú iepé.*
Tu eras, ou estavas *Re icú iepé,* ou *iné re icú iepé.*
Elle era, ou estava *Hu icú iepé, ou ahé hu icú iepé.*

P. Nós eramos, ou estavamos *Iá icú iepé,* ou *iané icú iepé.*
Vós ereis, ou estaveis. *Pe icú iepé,* ou *penhé icú iepé.*
Elles eram, ou estavam *Hu icú iepé,* ou *aitá,* ou *entá hu icú iepé.*

Preterito Perfeito

S. Eu fui ou estive *Chá icú ána,* ou *iché icú ána.*
Tu foste, ou estivéste *Re icú ána,* ou *iné icú ána.*
Elle foi ou esteve *Hu icú ána,* ou *ahé hu icú ána.*

P. Nós fomos, ou estivémos *Iá icú ána,* ou *iané icú ána.*
Vós fostes, ou estivéstes *Pe icú ána,* ou *penhé icú ána.*
Elles foram, ou estivéram *Hu icú ána,* ou *aitá,* ou *entá hu icú ána.*

temente sem *ahé*, mais depois de ter-se falado de proximo da pessoa de quem se trata, ex:

Que é de Manoel?
Mamé taá Mandú?

Foi-se embora.
Hu sú ána.

Futuro

S.

Eu serei, ou estarei, hei-de *Chá icú cury,* ou *iché icú cury.*

Tu serás ou estarás, etc. *Re icú cury,* ou *iné icú cury.*

Elle será, ou estará, etc. *Hu icú cury,* ou *ahé hu icú cury.*

P.

Nós seremos, ou estaremos, etc. *Iá icú cury,* ou *iané icú cury.*

Vós sereis, ou estareis *Pe icú cury,* ou *penhé icú cury.*

Elles serão ou estarão *Hu icú cury,* ou *aitá,* ou *entá hu icú cury.*

Condicional

S.

Eu seria, ou estaria, teria sido, ou estado *Chá icú ten iepé,* ou *iché icú ten iepé.*

Tu serias, ou estarias, etc. *Re icú ten iepé.*

Elle seria, ou estaria, etc. *Hu icú ten iepé,* ou *ahé hu icú ten iepé.*

P.

Nós seriamos, ou estariamos, etc *Iá icú ten iepé,* ou *iané icú ten iepé.*

Vós serieis, ou estarieis *Pe icú ten iepé,* ou *penhé icú ten iepé.*

Elles seriam, ou estariam *Hu icú ten iepé,* ou *aitá,* ou *entá hu icú ten iepé.*

MODO IMPERATIVO

Sê tu, ou está, seja elle, ou esteja *Icú iné, icú ahé.* Sêde vós, ou estais, sejam elles, ou estejam *Pe icú aitá hu icú.*

N. B. — Na segunda e terceira pessoa do singular do imperativo, usa-se o verbo com o signal de pessoa depois, na segunda e terceira do plural usa-se do signal *pe* que é uma especie de elisão de *penhé,* e dos pronomes — *aitá* e *hu.*

MODO CONJUNCTIVO

Tempo Presente

S.

Que eu seja, ou esteja *Chá icú cuôre* ou *iché icú cuôre.*

Que tu sejas, ou estejas *Re icú cuôre,* ou *iné icú cuôre.*

Que elle seja, ou esteja *Hu icú cuôre,* ou *ahé hu icú cuôre.*

P.

Que nós sejamos, ou estejamos *Iá icú cuôre,* ou *ianė icú cuôre.*

Que vós sejais, ou estejais *Pe icú cuôre,* ou *penhé icú cuôre.*

Que elles sejam, ou estejam *Hu icú cuôre,* ou *aitá,* ou *entá hu icú cuôre.*

CAPITULO IV

VERBOS

VERBO é uma palavra que exprimindo affirmação serve para atar o attributo da proposição ao sugeito debaixo de todas as suas relações.

Os verbos da lingua brasilica nunca mudam de terminação. Os seus diversos modos e tempos á excepção do presente do indicativo e imperativo, se exprimem por signaes, que são os seguintes:

HU Signal do infinito.

IEPÉ Signal do imperfeito do indicativo e do futuro condicional.

ÁNA Signal do preterito perfeito e tambem da vóz passiva.

CURY Signal do futuro.

CUÔRE Signal do presente do conjunctivo.

RAMÉ Signal para o preterito perfeito e imperfeito.

MAIRAMÉ Signal para o futuro conjunctivo.

RÁMA Signal do participio do futuro.

TEN Signal do futuro condicional reunido á particula *iepé,* e algumas vezes do imperativo, quando o verbo é conjugado negativamente.

Os — gerundios, supinos e participios — da lingua brasilica, formam-se com os verbos quer auxiliares

Preterito Imperfeito e Perfeito

S.

Que eu fosse, ou estivesse, que eu tenha sido, ou estado *Chá icú ramé,* ou *iché icú ramé.*

Que tu fosses, ou estivésses, tenhas sido, ou estado *Re icú ramé,* ou *iné icú ramé.*

Que elle fosse, ou estivésse, que tenha sido, ou estado *Hu icú ramé* ou *ahé hu icú ramé.*

P.

Que nós fossemos, ou estivéssemos, tenhámos sido ou estado *Iá icú ramé,* ou *iané icú ramé.*

Que vós fosseis, ou estivésseis, tenhais sido, ou estado *Pe icú ramé,* ou *penhé icú ramé.*

Que elles fossem, ou estivéssem, que tenham sido, ou estado *Hu icú ramé,* ou *aitá,* ou *entá hu icú ramé.*

Futuro Imperfeito

S.

Quando eu fôr, ou estiver *Chá icú mairamé,* ou *iché icú mairamé.*

Quando tu fôres, ou estivéres *Re icú mairamé,* ou *iné icú mairamé.*

Quando elle fôr, ou estiver *Hu icú mairamé,* ou *ahé hu icú mairamé.*

P.

Quando nós fôrmos, ou estivermos *Iá icú mairamé,* ou *iané icú mairamé.*

Quando vós fôrdes, ou estivérdes *Pe icú mairamé,* ou *penhé icú mairamé.*

Quando elles forem, ou estivérem *Hu icú mairamé,* ou *aitá,* ou *entá hu icú mairamé.*

Futuro Composto

S.

Quando eu tiver sido, ou tiver estado *Mairamé chá icú, ou mairamé iché icú.*

Quando tu tivéres sido, ou estado *Mairamé re icú, ou mairamé iné icú.*

Quando elle tiver sido, ou estado *Mairamé hu icú, ou mairamé ahé hu icú.*

P.

Quando nós tivermos sido, ou estado *Mairamé iá icú, ou mairamé iané icú.*

Quando vós tiverdes sido, ou estado *Mairamĕ pe icú, ou mairamé penhé icú.*

Quando elles tivérem sido, ou estado *Mairamé hu icú, ou mairamé aitá, ou entá hu icú.*

Conjugação do verbo RICŬ ter, ou haver

MODO INFINITO

Presente Impessoal

Ter, ou haver *Hu ricú.*

Presente Pessoal

Ter eu, ou haver eu *Hu ricú iché.*

Participio Presente ou Gerundio

Tendo, ou havendo *Hu ricú ramé.*

Participio do Preterito ou Supino

Tido, ou havido *Hu ricú uára.*

quer regulares, ou irregulares, e por meio dos signaes *ramé, uára, ráma*.

Verbos Auxiliares

Conjugação do verbo ICÚ, ser ou estar

MODO INFINITO

Presente Impessoal

Ser ou estar *Hu icú*.

Presente Pessoal

Ser eu ou estar eu *Hu icú iché*.

Participio do Presente, ou Gerundio (*)

Sendo ou estando *Hu icú ramé*

Participio do Preterito, ou Supino (**)

Sido ou estado *Hu icú uára*

Participio do Futuro

Para ser ou estar *Hu icú ráma*

MODO INDICATIVO

Tempo Presente

S.
Eu sou ou estou *Chá icú*, ou *iché* CHÁ *icú*.
Tu és ou estás *Re icú*, ou *iné* RE *icú*.
Elle ou ella é, ou está *Hu icú*, ou *ahé* HU *icú*.

(*) Fórma invariavel, ligada aos verbos, por substituição do *r* final do infinitivo em *ndo*: cantando, falando, dormindo, etc.

(**) Forma do verbo latino terminado em *um* e *o*.

Participio do Futuro

Para ter, ou haver *Hu ricú râma.*

MODO INDICATIVO

Tempo Presente

S.

Eu tenho, ou hei *Chá ricú,* ou *iché ricú.*
Tu tens, ou has *Re ricú,* ou *iné ricú.*
Elle tem, ou ha *Hu ricú,* ou *ahé ricú.*

P.

Nós temos, ou havemos *Iá ricú,* ou *iané ricú.*
Vós tendes, ou haveis *Pe ricú,* ou *penhé pe ricú.*
Elles teem, ou hão *Hu ricú,* ou *aitá,* ou *entá hu ricú.*

Preterito Imperfeito

S.

Eu tinha, ou havia *Chá ricú iepé,* ou *iché ricú iepé.*
Tu tinhas, ou havias *Re ricú iepé,* ou *iné ricú iepé.*
Elle tinha, ou havia *Hu ricú iepé,* ou *ahé hu ricú iepé.*

P.

Nós tinhamos, ou haviamos *Iá ricú iepé,* ou *iané ricú iepé.*
Vós tenheis, ou havieis *Pe ricú iepé,* ou *penhé ricú iepé.*
Elles tinham, ou haviam *Hu ricú iepé,* ou *aitá,* ou *entá hu ricú iepé.*

Preterito Perfeito

S.

Eu tive, ou houve *Chá ricú ána*, ou *iché ricú ána.*
Tu tiveste, ou houveste *Re ricú ána*, ou *iné ricú ána.*
Elle teve, ou houve *Hu ricú ána*, ou *ahé hu ricú ána.*

P.

Nós tivemos, ou houvemos *Iá ricú ána*, ou *iané ricú ána.*
Vós tivesteis, ou houvesteis *Pe ricú ána*, ou *penhé ricú ána.*
Elles tiveram, ou houveram *Hu ricú ána*, ou *aitá*, ou *entá hu ricú ána.*

Futuro

S.

Eu terei, ou haverei *Chá ricú cury*, ou *iché ricú cury.*
Tu terás, ou haverás *Re ricú cury*, ou *iné ricú cury.*
Elle terá, ou haverá *Hu ricú cury*, ou *ahé hu ricú cury.*

P.

Nós teremos, ou haveremos *Iá ricú cury*, ou *iané ricú cury.*
Vós tereis, ou havereis *Pe ricú cury*, ou *penhé ricú cury.*
Elles terão, ou haverão *Hu ricú cury*, ou *aitá*, ou *entá hu ricú cury.*

Condicional

S.

Eu teria, ou haveria *Chá ricú ten iepé*, ou *iché ricú ten iepé.*

Tu terias, ou haverias *Re ricú ten iepé*, ou *iné ricú ten iepé.*

Elle teria, ou haveria *Hu ricú ten iepé*, ou *ahé hu ricú ten iepé.*

P.

Nós teriamos, ou haveriamos *Iá ricú ten iepé*, ou *iané ricú ten iepé.*

Vós tereis, ou havereis *Pe ricú ten iepé*, ou *penhé ricú ten iepé.*

Elles teriam, ou haveriam *Hu ricú ten iepé*, ou *aitá*, ou *entá hu ricú ten iepé.*

Modo Imperativo

Tem tu, ou ha tu *Ricú iné.*
Tendes vós, ou haveis vós *Pe ricú.*

Modo Conjunctivo

Tempo Presente

S.

Que eu tenha, ou que eu haja *Chá ricú cuôre*, ou *iché ricú cuôre.*

Que tu tenhas, ou que tu hajas *Re ricú cuôre*, ou *iné ricú cuôre.*

Que elle tenha, ou que elle haja *Hu ricú cuôre*, ou *ahé hu ricú cuôre.*

Que nós tenhámos, ou hajámos *Iá ricú cuôre*, ou *iané ricú cuôre.*

P. Que vós tenhais, ou hajais *Pe ricú cuôre*, ou *penhé ricú cuôre.*

Que elles tenham, ou hajam *Hu ricú cuôre*, ou *aitá*, ou *entá hu ricú cuôre.*

Preterito Imperfeito Composto

Que eu tivesse, ou houvésse *Chá ricú ramé*, ou *iché ricú ramé.*

S. Que tu tivésses, ou houvésses *Re ricú ramé*, ou *iné ricú ramé.*

Que elle tivésse, ou houvésse *Hu ricú ramé*, ou *ahé hu ricú ramé.*

Que nós tivéssemos, ou houvéssemos *Iá ricú ramé*, ou *iané ricú ramé.*

P. Que vós tivésseis, ou houvésseis *Pe ricú ramé*, ou *penhé ricú ramé.*

Que elles tivéssem, ou houvéssem *Hu ricú ramé*, ou *aita*, ou *entá hu ricú ramé.*

Preterito Perfeito Composto (*)

Que eu tenha tido, ou havido *Chá ricú ramé* ou *iché ricú ramé.*

(*) ? Este tempo e igual ao preterito imperfeito composto.

Futuro Imperfeito

S.

Se eu tiver, ou houver *Chá ricú mairamé,* ou *iché ricú mairamé.*

Se tu tivéres, ou houvéres *Re ricú mairamé,* ou *iné ricú mairamé.*

Se elle tivèr, ou houver *Hu ricú mairamé,* ou *ahé hu ricú mairamé.*

P.

Se nós tivermos, ou houvermos *Iá ricú mairamé* ou *iané ricú mairamé.*

Se vós tivérdes, ou houvérdes *Pe ricú mairamé,* ou *penhé ricú mairamé.*

Se elles tiverem, ou houvérem *Hu ricú mairamé,* ou *aitá,* ou *entá hu ricú mairamé.*

Futuro Composto

S.

Se eu tiver tido, ou havido *Mairamé chá ricú,* ou *mairamé iché ricú.*

Se tu tivéres tido, ou havido *Mairamé re ricú,* ou *mairamé iné ricú.*

Se elle tiver tido, ou havido *Mairamé hu ricú,* ou *mairamé ahé hu ricú.*

P.

Se nós tivermos tido, ou havido *Mairamé iá ricú,* ou *mairamé iané ricú.*

Se vós tiverdes tido, ou havido *Mairamé pe ricú,* ou *mairamé penhé ricú.*

Se elles tiverem tido, ou havido *Mairamé hu ricú,* ou *mairamé aitá,* ou *entá hu ricú.*

*
* *

Além destes verbos auxiliares, tem a lingua brasilica verbos regulares e defectivos, de que adiante trataremos.

Os verbos desta lingua quer auxiliares, quer regulares, carecem todos elles no infinito — de preterito perfeito composto impessoal, pessoal, futuro composto impessoal e pessoal, — não têm gerundio composto do preterito, nem do futuro, nem do participio passivo, como no portuguez. No indicativo não se conhece por hora, — o preterito perfeito composto, mais que perfeito, mais que perfeito composto, futuro imperfeito composto, futuro perfeito composto, e no conjunctivo — preterito mais que perfeito composto e futuro imperfeito composto.

Podemos entretanto, muito bem, prescindir delles.

CAPITULO V

VERBOS REGULARES

A conjugação dos verbos regulares é identica a dos verbos auxiliares, como se vê dos exemplos seguintes:

Conjugação do verbo PUTÁRE, querer.

MODO INFINITO

Presente Impessoal

Querer	*Hu putáre*

Presente Pessoal

Querer eu	*Putáre iché*

Participio Presente ou Gerundio

Querido	*Putáre uára*

Participio do Futuro

Para ser querido	*Putáre ráma*

MODO INDICATIVO

Tempo Presente

S.
Eu quero *Chá putáre,* ou *iché putáre.*
Tu queres *Re putáre,* ou *iné putáre.*
Elle quer *Hu putáre,* ou *ahé hu putáre.*

P.
Nós queremos *Iá putáre,* ou *iané putáre.*
Vós quereis *Pe putáre,* ou *penhé putáre.*
Elles querem *Hu putáre,* ou *aitá,* ou *entá hu putáre.*

Preterito Imperfeito

S.
Eu queria *Chá putáre iepé,* ou *iché putáre iepé.*
Tu querias *Re putáre iepé,* ou *iné putáre iepé.*
Elle queria *Hu putáre iepé,* ou *ahé hu putáre iepé.*

P.
Nós queriamos *Iá putáre iepé,* ou *iané putáre iepé.*
Vós querieis *Pe putáre iepé,* ou *penhé putáre iepé.*
Elles queriam *Hu putáre iepé,* ou *aitá,* ou *entá hu putáre iepé.*

Preterito Perfeito

S.
Eu quiz *Chá putáre ána,* ou *iché putáre ána.*
Tu quizéste *Re putáre ána,* ou *iné putáre ána.*
Elle quiz *Hu putáre ána,* ou *ahé hu putáre ána.*

P.

Nós quizémos *Iá putáre ána,* ou *iané putáre ána.*

Vós quizeste *Pe putáre ána,* ou *penhé putáre ána.*

Elles quizeram *Hu putáre ána,* ou *aitá,* ou *entá hu putáre ána.*

Futuro

S.

Eu quererei *Chá putáre cury,* ou *iché putáre cury.*

Tu quererás *Re putáre cury,* ou *iné putáre cury.*

Elle quererá *Hu putáre cury,* ou *ahé hu putáre cury.*

P.

Nós quereremos *Iá putáre cury,* ou *iané putáre cury.*

Vós querereis *Pe putáre cury* ou *penhé putáre cury.*

Elles quererão *Hu putáre cury,* ou *aitá,* ou *entá hu putáre cury.*

Condicional

S.

Eu quereria *Chá putáre ten iepé,* ou *iché putáre ten iepé.*

Tu quererias *Re putáre ten iepé,* ou *iné putáre ten iepé.*

Elle quereria *Hu putáre ten iepé,* ou *ahé hu putáre ten iepé.*

P.

Nós quereriamos *Iá putáre ten iepé,* ou *iané putáre ten iepé.*
Vós quererieis *Pe putáre ten iepé,* ou *penhé putáre ten iepé.*
Elles quereriam *Hu putáre ten iepé,* ou *aitá,* ou *entá putáre ten iepé.*

MODO IMPERATIVO

Futuro

Queiras tu, queira elle *Putáre iné,* etc.
Queirais vós, queiram elles *Pe putáre,* etc.

MODO CONJUNCTIVO

Tempo Presente

S.

Que eu queira *Chá putáre cuôre,* ou *iché putáre cuôre.*
Que tu queiras *Re putáre cuôre,* ou *iné putáre cuôre.*
Que elle queira *Hu putáre cuôre,* ou *ahé hu putáre cuôre.*

P.

Que nós queiramos *Iá putáre cuôre,* ou *iané putáre cuôre.*
Que vós queirais *Pe putáre cuôre,* ou *penhé putáre cuôre.*
Que elles queiram *Hu putáre cuôre,* ou *aitá,* ou *entá hu putáre cuôre.*

Preterito Imperfeito e Perfeito

S.

Que eu quizésse ou tivésse querido *Chá putáre ramé,* ou *iché putáre ramé.*

Que tu quizésse ou tivesse querido *Re putáre ramé,* ou *iné putáre ramé.*

Que elle quizésse ou tivésse querido *Hu putáre ramé,* ou *ahé hu putáre ramé.*

P.

Que nós quizéssemos ou tivéssemos querido *Iá putáre ramé,* ou *iané putáre ramé.*

Que vós quizésseis ou tivésseis querido *Pe putáre ramé,* ou *penhé putáre ramé.*

Que elles quizéssem ou tivéssem querido *Hu putáre ramé,* ou *aitá,* ou *entá hu putáre ramé.*

Futuro Imperfeito

S.

Quando, ou se eu quizer *Chá putáre mairamé,* ou *iché putáre mairamé.*

Quando, ou se tu quizéres *Re putáre mairamé,* ou *iné putáre mairamé.*

Quando, ou se elle quizer *Hu putáre mairamé,* ou *ahé hu putáre mairamé.*

P.

Quando, ou se nós quizermos *Iá putáre mairamé,* ou *iané putáre mairamé.*

Quando, ou se vós quizérdes *Pe putáre mairamé,* ou *penhé putáre mairamé.*

Quando, ou se elles quizerem *Hu putáre mairamé,* ou *aitá,* ou *entá hu putáre mairamé.*

Futuro Composto

S.

Quando, ou se eu tiver querido *Mairamé chá putáre,* ou *mairamé iché putáre.*

Quando, ou se tu tiveres querido *Mairamé re putáre,* ou *mairamé iné putáre.*

Quando, ou se elle tiver querido. *Mairamé hu putáre,* ou *mairamé ahé hu putáre.*

P.

Quando, ou se nós tivermos querido *Mairamé iá putáre,* ou *mairamé iané putáre.*

Quando, ou se vós tiverdes querido *Mairamé pe putáre,* ou *mairamé penhé putáre.*

Quando, ou se elles tiverem querido *Mairamé hu putáre,* ou *mairamé aitá,* ou *entá hu putáre.*

Para conjugar os verbos negativamente umas vezes se antepõem e outras se pospõem aos pronomes, ou ás pessoas dos verbos os signaes: *ti,* ou *enti* que significam, — não.

A primeira fórma é mais expressiva e imperiosa; ex: do verbo *Putáre,* conjugado negativamente:

MODO INFINITO

Presente Impessoal

Não querer *Enti,* ou *ti hu putáre.*

Presente Pessoal

Não querer eu *Enti,* ou *ti hu putáre iché.*

Participio Presente ou Gerundio

Não querendo *Enti,* ou *ti hu putáre ramé.*

Participio do Preterito ou Supino

Não querido *Enti,* ou *ti hu putáre uára.*

Participio do Futuro

Para não ser querido *Enti,* ou *ti hu putáre ráma.*

MODO INDICATIVO

Tempo Presente

S.

Eu não quero *Enti,* ou *ti chá putáre,* ou *iché enti,* ou *ti putáre.*

Tu não quéres *Enti,* ou *ti re putáre,* ou *iné enti,* ou *ti putáre.*

Elle não quer *Enti,* ou *ti hu putáre,* ou *ahé enti,* ou *ti hu putáre.*

P.

Nós não queremos *Enti,* ou *ti iá putáre,* ou *iané enti,* ou *ti putáre.*

Vós não quereis *Enti,* ou *ti pe putáre,* ou *penhé enti,* ou *ti putáre.*

Elles não querem *Enti,* ou *ti hu putáre,* ou *aitá,* ou *entá enti,* ou *ti hu putáre.*

Preterito Imperfeito

S.

Eu não queria *Enti*, ou *ti chá putáre iepé*, ou *iché enti*, ou *ti putáre iepé*.
Tu não querias *Enti*, ou *ti re putáre iepé*, ou *iné enti*, ou *ti putáre iepé*.
Elle não queria *Enti*, ou *ti hu putáre iepé*, ou *ahé enti*, ou *ti hu putáre iepé*.

P.

Nós não queriamos *Enti*, ou *ti ia putáre iepé*, ou *iané enti*, ou *ti putáre iepé*.
Vós não querieis *Enti*, ou *ti pe putáre iepé*, ou *penhé enti*, ou *ti putáre iepé*.
Elles não queriam *Enti*, ou *ti hu putáre iepé*, ou *aitá*, ou *entá enti*, ou *ti hu putáre iepé*.

Preterito Perfeito

S.

Eu não quiz *Enti*, ou *ti ána chá putára*, ou *iché enti*, ou *ti putáre ána*.
Tu não quizéste *Enti*, ou *ti ána putáre*, ou *iné enti*, ou *ti putáre ána*.
Elle não quiz *Enti*, ou *ti ána hu putáre*, ou *ahé enti*, ou *ti hu putáre ána*.

P.

Nós não quizémos *Enti*, ou *ti ána iá putáre*, ou *iané enti*, ou *ti putáre ána*.
Vós não quizéstes *Enti*, ou *ti ána pe putáre*, ou *penhé enti*, ou *ti putáre ána*.
Elles não quizeram *Enti*, ou *ti ána hu putáre*, ou *aitá*, ou *entá enti*, ou *ti hu putáre ána*.

Futuro

S.

Eu não quererei *Enti,* ou *ti cury chá putáre,* ou *iché enti,* ou *ti putáre cury.*

Tu não quererás *Enti,* ou *ti cury re putáre,* ou *iné enti,* ou *ti putáre cury.*

Elle não quererá *Enti,* ou *ti cury hu putáre,* ou *ahé enti,* ou *ti hu putáre cury.*

P.

Nós não queréremos. *Enti,* ou *ti cury putáre* ou *iané* enti, *ou ti putáre cury.*

Vós não querereis *Enti,* ou *ti cury pe putáre,* ou *penhé enti* ou *ti putáre cury.*

Elles não quererão *Enti,* ou *ti cury hu putáre,* ou *aitá,* ou *entá enti,* ou *ti hu putáre cury.*

Condicional

S.

Eu não quereria *Enti,* ou *ti chá putáre ten iepé* ou *iché enti,* ou *ti putáre iepé.*

Tu não quererias *Enti,* ou *ti re putáre ten iepé,* ou *iné enti,* ou *ti putáre ten iepé.*

Elle não quereria *Enti,* ou *ti hu putáre ten iepé,* ou *ahé enti,* ou *ti hu putáre ten iepé.*

P.

Nós não quereriamos *Enti,* ou *ti iá putáre ten iepé,* ou *iané enti,* ou *ti putáre ten iepé.*

Vós não quererieis *Enti,* ou *ti pe putáre ten iepé,* ou *penhé enti,* ou *ti putáre ten iepé.*

Elles não quereriam *Enti,* ou *ti hu putáre ten iepé, ou aitá,* ou *entá, enti,* ou *ti hu putáre ten iepé.*

MODO IMPERATIVO

Não queiras tu, ou não queira elle *Ten re putáre* (*).

Não queiras vós, ou não queiram elles *Ten pe putáre*

MODO CONJUNCTIVO

Tempo Presente

S.

Que eu não queira *Enti,* ou *ti chá putáre cuôre,* ou *iché enti,* ou *ti putáre cuôre.*
Que tu não queiras *Enti,* ou *ti re putáre cuôre,* ou *iné enti,* ou *ti putáre cuôre.*
Que elle não queira *Enti,* ou *ti hu putáre cuôre,* ou *ahé enti,* ou *ti hu putáre cuôre.*

P.

Que nós não queiramos *Enti,* ou *ti iá putáre cuôre,* ou *iané enti,* ou *ti putáre cuôre.*
Que vós não queirais *Enti,* ou *ti pe putáre cuôre,* ou *penhé enti,* ou *ti putáre cuôre.*
Que elles não queiram *Enti,* ou *ti hu putáre cuôre,* ou *aitá,* ou *entá,* ou *enti,* ou *ti hu putáre cuôre.*

(*) Usa-se tambem do signal *tenhé* mas somente quando a phrase tem um tom de supplica e não de mando, ou quando o verbo é conjugado interrogativamente.

Preterito Imperfeito e Perfeito

S.

Que eu não quizésse, ou não tivésse querido *Enti*, ou *ti chá putáre ramé*, ou *iché enti*, ou *ti putáre ramé.*

Que tu não quizésses, ou não tivésse querido *Enti*, ou *ti re putáre ramé*, ou *iné enti*, ou *ti putáre ramé.*

Que elle não quizésse, ou não tivésse querido *Enti*, ou *ti hu putáre ramé*, ou *ahé enti*, ou *ti hu putáre ramé.*

P.

Que nós não quizéssemos, ou não tivéssemos querido *Enti*, ou *ti iá putáre ramé*, ou *iané enti*, ou *ti putáre ramé.*

Que vós não quizésseis, ou não tivésseis querido *Enti*, ou *ti pe putáre ramé*, ou *penhé enti*, ou *ti putáre ramé.*

Que elles não quizéssem, ou não tivéssem querido *Enti*, ou *ti hu putáre ramé*, ou *aitá*, ou *entá enti*, ou *ti hu putáre ramé.*

Futuro Imperfeito

S.

Quando, ou se eu não quizer *Enti*, ou *ti chá putáre mairamé*, ou *iché enti*, ou *ti putáre mairamé.*

Quando, ou se tu não quizéres *Enti*, ou *ti re putáre mairamé*, ou *iné enti*, ou *ti putáre mairamé.*

Quando, ou se elle não quizer *Enti*, ou *ti hu putáre mairamé*, ou *ahé enti*, ou *ti hu putáre mairamé.*

Quando, ou se nós não quizermos *Enti,* ou *ti iá putáre mairamé,* ou *iané enti,* ou *ti putáre mairamé.*

P. Quando, ou se vós não quizérdes *Enti,* ou *ti pe putáre mairamé,* ou *penhé enti* ou *ti putáre mairamé.*

Quando, ou se elles não quizérem *Enti,* ou *ti hu putáre mairamé,* ou *aitá,* ou *entá enti,* ou *ti hu putáre mairamé.*

Futuro Perfeito Composto

Quando, ou se eu não tiver querido *Mairamé enti,* ou *ti chá putáre,* ou *mairamé iché enti,* ou *ti putáre.*

S. Quando, ou se tu não tivéres querido *Mairamé enti,* ou *ti re putáre,* ou *mairamé iné enti,* ou *ti putáre.*

Quando, ou se elle não tiver querido *Mairamé enti,* ou *ti hu putáre,* ou *mairamé ahé enti,* ou *ti hu putáre.*

Quando ou se nós não tivérmos querido *Mairamé enti,* ou *ti iá putáre,* ou *mairamé iané enti,* ou *ti putáre.*

P. Quando, ou se vós não tivérdes querido *Mairamé enti,* ou *ti pe putáre,* ou *mairamé penhé enti* ou *ti putáre.*

Quando, ou se elles não tivérem querido *Mairamé enti,* ou *ti hu putáre,* ou *mairamé aitá,* ou *entá enti,* ou *ti hu putáre.*

Para conjugar os verbos com interrogação se usa da particula *será,* para as segundas e terceiras pessoas somente; exemplo:

De um verbo conjugado interrogativamente.

Do verbo MAHÚ, comer.

MODO INFINITO

Presente Impessoal

Comer? *Hu mahú?*

Presente Pessoal

Comer eu? *Hu mahú iché?*

Gerundio

Comendo? *Hu mahú ramé?*

Supino

Comido? *Hu mahú uára?*

Participio do Futuro

Para ser comido? *Hu mahú ráma?*

MODO INDICATIVO

Tempo Presente

S. Eu como? *Chá mahú?* ou *iché mahú?*
Tu comes? *Re mahú será?,* ou *iné mahú será?*
Elle come? *Hu mahú será?* ou *ahé hu mahú será?*

P.

Nós comemos? *Iá mahú?*, ou *iané mahú?*
Vós comeis? *Pe mahú será?*, ou *penhé mahú será?*
Elles comem? *Hu mahú será?* ou *aitá*, ou *entá hu mahú será?*

Preterito Imperfeito

S.

Eu comia? *Chá mahú iepé?*, ou *iché mahú iepé?*
Tu comias? *Re mahú iepé será?* ou *iné mahú iepé será?*
Elle comia? *Hu mahú iepé será?* ou *ahé hu mahú iepé será?*

P.

Nós comiamos? *Iá mahú iepé?*, ou *iané mahú iepé?*
Vós comieis? *Pe mahú iepé será?*, ou *penhé mahú iepé será?*
Elles comiam? *Hu mahú iepé será?*, ou *aitá*, ou *entá hu mahú iepé será?*

Preterito Perfeito

S.

Eu comi? *Chá mahú ána?*, ou *iché mahú ána?*
Tu comeste? *Re mahú ána será?*, ou *iné mahú ána será?*
Elle comeu? *Hu mahú ána será?*, ou *ahé hu mahú ána será?*

Nós comemos? *Iá mahú ána?*, ou *iané mahú ána?*

P. Vós comestes? *Pe mahú ána será?*, ou *penhé mahú ána será?*

Elles comeram? *Hu mahú ána será?*, ou *aitá*, ou *entá hu mahú ána será?*

Futuro

Eu comerei? *Chá mahú cury?*, ou *iché mahú cury?*

S. Tu comerás? *Re mahú cury será?*, ou *iné mahú cury será?*

Elle comerá?, *Hu mahú cury será?*, ou *ahé hu mahú cury será?*

Nós comeremos? *Iá mahú cury?* ou *iané mahú cury?*

P. Vós comereis? *Pe mahú cury será?* ou *penhé mahú cury será?*

Elles comerão? *Hu mahú cury será?*, ou *aitá*, ou *entá hu mahú cury será?*

Condicional

Eu comeria? *Chá mahú ten iépé?*, ou *iché mahú ten iepé?*

S. Tu comerias? *Re mahú ten iepé será?*, ou *iné mahú ten iepé será?*

Elle comeria? *Hu mahú ten iepé será?*, ou *ahé hu mahú ten iepé será?*

Nós comeriamos? *Iá mahú ten iepé?* ou *iané mahú ten iepé?*

P.

Vós comerieis? *Pe mahú ten iepé será?*, ou *penhé mahú ten iepé será?*

Elles comeriam? *Hu mahú ten iepé será?*, ou *aitá*, ou *entá hu mahú ten iepé será?*

MODO IMPERATIVO

Futuro

Come tu? *Mahú tenhé?*

Comei vós? *Pe mahú tenhé?*

MODO CONJUNCTIVO

Tempo Presente

Que eu coma? *Chá mahú cuôre?*, ou *iché mahú cuôre?*

S.

Que tu comas? *Re mahú cuôre será?*, ou *iné mahú cuôre será?*

Que elle coma? *Hu mahú cuôre será?*, ou *ahé hu mahú cuôre será?*

Que nós comamos? *Iá mahú cuôre?* ou *iané mahú cuôre?*

P.

Que vós comais? *Pe mahú cuôre será?* ou *penhé mahú cuôre será?*

Que elles comam? *Hu mahú cuôre será?* ou *aitá*, ou *entá hu mahú cuôre será?*

Preterito Imperfeito e Perfeito

S.

Que eu comesse, ou tivésse comido? *Chá mahú ramé?* ou *iché mahú ramé?*

Que tu comesses, ou tivésses comido? *Re mahú ramé será,* ou *iné mahú ramé será?*

Que elle comesse, ou tivésse comido? *Hu mahú ramé será?* ou *ahé hu mahú ramé será?*

P.

Que nós comessemos, ou tivéssemos comido? *Iá mahú ramé?* ou *iané mahú ramé?*

Que vós comesseis, ou tivésseis comido? *Pe mahú ramé será?* ou *penhé mahú ramé será?*

Que elles comessem, ou tivéssem comido? *Hu mahú ramé será?* ou *aitá,* ou *entá hu mahú ramé será?*

Futuro Imperfeito

S.

Quando, ou se eu comer? *Chá mahú mairamé,* ou *iché mahú mairamé?*

Quando, ou se tu comeres? *Re mahú mairamé será?* ou *iné mahú mairamé será?*

Quando, ou se elle comer? *Hu mahú mairamé será?* ou *ahé hu mahú mairamé será?*

P.

Quando, ou se nós comermos? *Iá mahú mairamé?* ou *iané mahú mairamé?*

Quando, ou se vós comerdes? *Pe mahú mairamé será?* ou *penhé mahú mairamé será?*

Quando, ou se elles comerem? *Hu mahú mairamé será?* ou *aitá,* ou *entá hu mahú mairamé será?*

Futuro Composto

S.

Quando, ou se eu tiver comido? *Mairamé chá mahú?* ou *mairamé iché mahú?*

Quando, ou se tu tivéres comido? *Mairamé re mahú será?* ou *mairamé iné mahú será?*

Quando, ou se elle tiver comido? *Mairamé hu mahú será?* ou *mairamé ahé hu mahú será?*

P.

Quando, ou se nós tivermos comido? *Mairamé iá mahú?* ou *mairamé iané mahú?*

Quando, ou se vós tivérdes comido? *Mairamé pe mahû será?* ou *mairamé penhé mahú será?*

Quando, ou se elles tiverem comido? *Mairamé hu mahú será?* ou *mairamé aitá,* ou *entá hu mahú será?*

Conjugação do verbo MONÚCA, cortar.

MODO INFINITO

Cortar *Hu monúca.*

Presente Pessoal

Cortar eu *Monúca iché.*

Gerundio

Cortando *Monúca ramé.*

Supino

Cortado *Monúca uára.*

Participio do Futuro

Para ser cortado *Monúca ráma.*

MODO INDICATIVO

Tempo Presente

S.
Eu corto *Chá monúca,* ou *iché monúca.*
Tu cortas *Re monúca,* ou *iné monúca.*
Elle corta *Hu monúca,* ou *ahé hu monúca.*

P.
Nós cortamos *Iá monúca,* ou *iané monúca.*
Vós cortais *Pe monúca,* ou *penhé monúca.*
Elles cortam *Hu monúca,* ou *aitá,* ou *entá hu monúca.*

Preterito Imperfeito

S.
Eu cortava *Chá monúca iepé,* ou *iché monúca iepé.*
Tu cortavas *Re monúca iepé,* ou *iné monúca iepé.*
Elle cortava *Hu monúca iepé,* ou *ahé hu monúca iepé.*

P.
Nós cortavamos *Iá monúca iepé,* ou *iané monúca iepé.*
Vós cortaveis *Pe monúca iepé,* ou *penhé monúca iepé.*
Elles cortavam *Hu monúca iepé,* ou *aitá,* ou *entá hu monúca iepé.*

Preterito Perfeito

S.

Eu cortei *Chá monúca ána,* ou *iché monúca ána.*

Tu cortaste *Re monúca ána,* ou *iné monúca ána.*

Elle cortou *Hu monúca ána,* ou *ahé hu monúca ána.*

P.

Nós cortamos *Iá monúca ána,* ou *iané monúca ána.*

Vós cortastes *Pe monúca ána,* ou *penhé monúca ána.*

Elles cortaram *Hu monúca ána,* ou *aitá,* ou *entá hu monúca ána.*

Futuro

S.

Eu cortarei *Chá monúca cury,* ou *iché monúca cury.*

Tu cortarás *Re monúca cury,* ou *iné monúca cury.*

Elle cortará *Hu monúca cury,* ou *ahé hu monúca cury.*

P.

Nós cortaremos *Iá monúca cury,* ou *iané monúca cury.*

Vós cortareis *Pe monúca cury,* ou *penhé monúca cury.*

Elles cortarão *Hu monúca cury,* ou *aitá,* ou *entá hu monúca cury.*

Condicional

Eu cortaria *Chá monúca ten iepé,* ou *iché monúca ten iepé.*

S. Tu cortarias *Re monúca ten iepé,* ou *iné monúca ten iepé.*

Elle cortaria *Hu monúca ten iepé,* ou *ahé hu monúca ten iepé.*

Nós cortariamos *Iá monúca ten iepé,* ou *iané monúca ten iepé.*

P. Vós cortarieis *Pe monúca ten iepé,* ou *penhé monúca ten iepé.*

Elles cortariam *Hu monúca ten iepé,* ou *aitá,* ou *entá hu monúca ten iepé.*

MODO IMPERATIVO

Corta tu	*Monúca iné*
Cortai vós	*Pe monúca*

MODO CONJUNCTIVO

Tempo Presente

Que eu corte *Chá monúca cuôre,* ou *iché monúca cuôre.*

S. Que tu cortes *Re monúca cuôre,* ou *iné monúca cuôre.*

Que elle corte *Hu monúca cuôre,* ou *ahé hu monúca cuôre.*

P.

Que nós cortemos *Iá monúca cuôre,* ou *iané monúca cuôre.*

Que vós cortais *Pe monúca cuôre,* ou *penhé monúca cuôre.*

Que elles cortem *Hu monúca cuôre,* ou *aitá,* ou *entá hu monúca cuôre.*

Preterito Imperfeito e Perfeito

S.

Que eu cortasse, ou tivésse cortado *Chá monúca ramé,* ou *iché monúca ramé.*

Que tu cortasses, ou tivésses cortado *Re monúca ramé* ou *iné monúca ramé.*

Que elle cortasse, ou tivésse cortado *Hu monúca ramé,* ou *ahé hu monúca ramé.*

P.

Que nós cortassemos, ou tivéssemos cortado *Iá monúca ramé,* ou *iané monúca ramé.*

Que vós cortasseis, ou tivésseis cortado *Pe monúca ramé,* ou *penhé monúca ramé.*

Que elles cortassem, ou tivéssem cortado *Hũ monúca ramé,* ou *aitá,* ou *entá hu monúca ramé.*

Futuro Imperfeito

S.

Se eu cortar *Chá monúca mairamé,* ou *iché monúca mairamé.*

Se tu cortares *Re monúca mairamé,* ou *iné monúca mairamé.*

Se elle cortar *Hu monúca mairamé,* ou *ahé hu monúca mairamé.*

Se nós cortarmos *Iá monúca mairamé*, ou *iané monúca mairamé.*

P. Se vós cortardes *Pe monúca mairamé*, ou *penhé monúca mairamé.*

Se elles cortarem *Hu monúca mairamé*, ou *aitá*, ou *entá hu monúca mairamé.*

Futuro Composto Perfeito

Se eu tiver cortado *Mairamé chá monúca*, ou *mairamé iché monúca.*

S. Se tu tivérdes cortado *Mairamé re monúca*, ou *mairamé iné monúca.*

Se elle tiver cortado *Mairamé hu monúca*, ou *mairamé ahé hu monúca.*

Se nós tivermos cortado *Mairamé iá monúca*, ou *mairamé iané monúca.*

P. Se vós tivérdes cortado *Mairamé pe monúca*, ou *mairamé penhé monúca.*

Se elles tivérem cortado *Mairamé hu monúca*, ou *mairamé aitá*, ou *entá hu monúca.*

Conjugação do verbo SAIÇÚ, amar.

MODO INFINITO

Presente Impessoal

Amar — *Hu saiçú.*

Presente Pessoal

Amar eu — *Hu saiçú iché.*

Gerundio

Amando *Hu saiçú ramé.*

Supino

Amado *Hu saiçú uára.*

Participio do Futuro

Para ser amado *Hu saiçú rama.*

MODO INDICATIVO

Tempo Presente

S.
Eu amo *Chá saiçú,* ou *iché saiçú.*
Tu amas *Re saiçú,* ou *iné saiçú.*
Elle ama *Hu saiçú,* ou *ahé hu saiçú.*

P.
Nós amamos *Iá saiçú,* ou *iané saiçú.*
Vós amais *Pe saiçú,* ou *penhé saiçú.*
Elles amam *Hu saiçú,* ou *aitá,* ou *entá hu saiçú.*

Preterito Imperfeito

S.
Eu amava *Chá saiçú iepé,* ou *iché saiçú iepé.*
Tu amavas *Re saiçú iepé,* ou *iné saiçú iepé.*
Elle amava *Hu saiçú iepé,* ou *ahé hu saiçú iepé.*

P.
Nós amavamos *Iá saiçú iepé,* ou *iané saiçú iepé.*
Vós amaveis *Pe saiçú iepé,* ou *penhé saiçú iepé.*
Elles amavam *Hu saiçú iepé, ou aita,* ou *entá hu saiçú iepé.*

MODO CONJUNCTIVO

Tempo Presente

S.

Que eu ame *Chá saiçú cuôre,* ou *iché saiçú cuôre.*
Que tu ames *Re saiçú cuôre,* ou *iné saiçú cuôre.*
Que elle ame *Hu saiçú cuôre,* ou *ahé hu saiçú cuôre.*

P.

Que nós amemos *Iá saiçú cuôre,* ou *iané saiçú cuôre.*
Que vós ameis *Pe saiçú cuôre,* ou *penhé saiçú cuôre.*
Que elles amem *Hu saiçú cuôre,* ou *aitá,* ou *entá hu saiçú cuôre.*

Preterito Imperfeito e Perfeito

S.

Que eu amasse, ou tivésse amado *Chá saiçú ramé,* ou *iché saiçú ramé.*
Que tu amasses, ou tivésses amado *Re saiçú ramé,* ou *iné saiçú ramé.*
Que elle amasse, ou tivésse amado *Hu saiçú ramé,* ou *ahé hu saiçú ramé.*

P.

Que nós amassemos ou tivéssemos amado *Iá saiçú ramé,* ou *iané saiçú ramé.*
Que vós amasseis ou tivésseis amado *Pe saiçú ramé,* ou *penhé saiçú ramé.*
Que elles amassem, ou tivéssem amado. *Hu saiçú ramé,* ou *aitá,* ou *entá hu saiçú ramé.*

Futuro Imperfeito

Se eu amar *Chá saiçú mairamé,* ou *iché saiçú mairamé.*

S. Se tu amares *Re saiçú mairamé,* ou *iné saiçú mairamé.*

Se elle amar *Hu saiçú mairamé,* ou *ahé hu saiçú mairamé.*

Se nós amarmos *Iá saiçú mairamé,* ou *iané saiçú mairamé.*

P. Se vós amardes *Pe saiçú mairamé,* ou *penhé saiçú mairamé.*

Se elles amarem *Hu saiçú mairamé,* ou *aitá,* ou *entá hú saiçú mairamé.*

Futuro Perfeito Composto

Se eu tivésse amado *Mairamé chá saiçú,* ou *mairamé iché saiçá.*

S. Se tu tivéres amado *Mairamé re saiçú,* ou *mairamé iné saiçú.*

Se elle tiver amado *Mairamé hu saiçú,* ou *mairamé ahé hu saiçú.*

Se nós tivermos amado *Mairamé iá saiçú,* ou *mairamé iané saiçú.*

P. Se vós tivérdes amado *Mairamé pe saiçú,* ou *mairamé penhé saiçú.*

Se elles tiverem amado *Mairamé hu saiçú,* ou *mairamé aitá,* ou *entá hu saiçú.*

Conjugação do verbo IÚPIRE, subir.

MODO INFINITO

Presente Impessoal

Subir *Hu iúpire.*

Presente Pessoal

Subir eu *Hu iúpire iché.*

Gerundio

Subindo *Hu iúpire ramé.*

Supino

Subido *Hu iúpire uára.*

Participio do Futuro

Para ser subido *Hu iúpire ráma.*

MODO INDICATIVO

Tempo Presente

S.
Eu subo *Chá iúpire,* ou *iché iúpire.*
Tu sobes *Re iúpire,* ou *iné iúpire.*
Elle sobe *Hu iúpire,* ou *ahé hu iúpire.*

P.
Nós subimos *Iá iúpire,* ou *iané iúpire.*
Vós subis *Pe iúpire,* ou *penhé iúpire.*
Elles sobem *Hu iúpire,* ou *aitá,* ou *entá hu iúpire.*

Preterito Imperfeito

S.

Eu subia *Chá iúpire iepé,* ou *iché iupire iepé.*
Tu subias *Re iúpire iepé,* ou *iné iúpire iepé.*
Elle subia *Hu iúpire iepé,* ou *ahé hu iúpire iepé.*

P.

Nós subiamos *Iá iúpire iepé,* ou *iané iúpire iepé.*
Vós subieis *Pe iúpire iepé,* ou *penhé iúpire iepé.*
Elles subiam *Hu iúpire iepé,* ou *aitá,* ou *entá hu iúpire iepé.*

Preterito Perfeito

S.

Eu subi *Chá iúpire ána,* ou *iché iúpire ána.*
Tu subiste *Re iúpire ána,* ou *iné iúpire ána.*
Elle subiu *Hu iúpire ána,* ou *ahé hu iúpire ána.*

P.

Nós subimos *Iá iúpire ána,* ou *iané iúpire ána.*
Vós subistes *Pe iúpire ána,* ou *penhé iúpire ána.*
Elles subiram *Hu iúpire ána,* ou *aitá,* ou *entá hu iúpire ána.*

Futuro

S.

Eu subirei *Chá iúpire cury,* ou *iché iúpire cury.*
Tu subirás *Re iúpire cury,* ou *iné iúpire cury.*
Elle subirá *Hu iúpire cury,* ou *ahé hu iúpire cury.*

Nós subiremos *Iá iúpire cury,* ou *iané iúpire cury.*

P. Vós subireis *Pe iúpire cury,* ou *penhé iúpire cury.*

Elles subirão *Hu iúpire cury,* ou *aitá,* ou *entá hu iúpire cury.*

Condicional

Eu subiria, etc. *Chá iúpire ten iepé,* ou *iché iúpire ten iepé, etc.* (*)

MODO IMPERATIVO

Sobe tu *Iúpire iné,* ou *re.*

Subi vós *Iúpire pe,* ou *penhé.*

MODO CONJUNCTIVO

Que eu suba *Chá iúpire cuôre,* ou *iché iúpire cuôre.*

S. Que tu subas *Re iúpire cuôre, ou iné iúpire cuôre.*

Que elle suba *Hu iúpire cuôre,* ou *ahé hu iúpire cuôre.*

(*) E' igual ao preterito imperfeito, ligando-se a particula — *ten, á — iepé.*

Que nós subamos *Ia iúpire cuôre*, ou *iané iúpire cuôre*.

P. Que vós subais *Pe iúpire cuôre*, ou *penhé iúpire cuôre*.

Que elles subam *Hu iúpire cuôre*, ou *aitá*, ou *entá hu iúpire cuôre*.

Preterito Imperfeito e Perfeito

Que eu subisse, ou tivésse subido *Chá iúpire ramé*, ou *iché iúpire ramé*.

S. Que tu subisses, ou tivésses subido *Re iúpire ramé*, ou *iné iúpire ramé*.

Que elle subisse, ou tivésse subido *Hu iúpire ramé*, ou *ahé hu iúpire ramé*.

Qu nós subissemos, ou tivéssemos subido *Iá iúpire ramé*, ou *iané iúpire ramé*.

P. Que vós subisseis, ou tivésseis subido *Pe iúpire ramé*, ou *penhé iúpire ramé*.

Que elles subissem, ou tivéssem subido *Hu iúpire ramé*, ou *aitá*, ou *entá hu iúpire ramé*.

Futuro Imperfeito

Se eu subir *Chá iúpire mairamé*, ou *iché iúpire mairamé*.

S. Se tu subires *Re iúpire mairamé*, ou *iné iúpire mairamé*.

Se elle subir *Hu iúpire mairamé*, ou *ahé hu iúpire mairamé*.

Se nós subirmos *Iá iúpire mairamé,* ou *iané iúpire mairamé.*

P. Se vós subirdes *Pe iúpire mairamé,* ou *penhé iúpire mairamé.*

Se elles subirem *Hu iúpire mairamé,* ou *aitá,* ou *entá hu iúpire mairamé.*

Futuro Perfeito Composto

Se eu tiver subido *Mairamé chá iúpire,* ou *mairamé iché iúpire.*

S. Se tu tivéres subido *Mairamé re iúpire,* ou *mairamé iné iúpire.*

Se elle tiver subido *Mairamé hu iúpire,* ou *mairamé ahé hu iúpire.*

Se nós tivermos subido *Mairamé iá iúpire,* ou *mairamé iané iúpire.*

P. Se vós tivérdes subido *Mairamé pe iúpire,* ou *mairamé penhé iúpire.*

Se elles tiverem subido *Mairamé hu iúpire,* ou *mairamé aitá,* ou *entá hu iúpire.*

Conjugação do verbo MUNÉO, (*) pôr, ou meter.

MODO INFINITO

Presente Impessoal

Pôr *Hu munéo.*

(*) Este verbo não se deve confundir com o verbo — *Mundéo,* que significa vestir.

Nós punhamos *Iá munéo iepé,* ou *iané munéo iepé.*
P. Vós punheis *Pe munéo iepé,* ou *penhé munéo iepé.*
Elles punham *Hu munéo iepé,* ou *aitá,* ou *entá hu munéo iepé.*

Preterito Perfeito

S. Eu puz *Chá munéo ána,* ou *iché munéo ána.*
Tu puzéste *Re munéo ána,* ou *iné munéo ána.*
Elle poz *Hu munéo ána,* ou *ahé hu munéo ána.*

Nós puzémos *Iá munéo ána,* ou *iané munéo ána.*
P. Vós puzéstes *Pe munéo ána,* ou *penhé munéo ána.*
Elles puzéram *Hu munéo ána,* ou *aitá,* ou *entá hu munéo ána.*

Futuro

S. Eu porei *Chá munéo cury,* ou *iché munéo cury.*
Tu porás *Re munéo cury,* ou *iné munéo cury.*
Elle pôrá *Hu munéo cury,* ou *ahé hu munéo cury.*

Nós pôremos *Iá munéo cury,* ou *iané munéo cury.*
P. Vós pôreis *Pe munéo cury,* ou *penhé munéo cury.*
Elles pôrão *Hu munéo cury,* ou *aitá,* ou *entá hu munéo cury.*

P.

Nós punhamos *Iá munéo iepé,* ou *iané munéo iepé.*
Vós punheis *Pe munéo iepé,* ou *penhé munéo iepé.*
Elles punham *Hu munéo iepé,* ou *aitá,* ou *entá hu munéo iepé.*

Preterito Perfeito

S.

Eu puz *Chá munéo ána,* ou *iché munéo ána.*
Tu puzéste *Re munéo ána,* ou *iné munéo ána.*
Elle poz *Hu munéo ána,* ou *ahé hu munéo ána.*

P.

Nós puzémos *Iá munéo ána,* ou *iané munéo ána.*
Vós puzéstes *Pe munéo ána,* ou *penhé munéo ána.*
Elles puzéram *Hu munéo ána,* ou *aitá,* ou *entá hu munéo ána.*

Futuro

S.

Eu porei *Chá munéo cury,* ou *iché munéo cury.*
Tu porás *Re munéo cury,* ou *iné munéo cury.*
Elle pôrá *Hu munéo cury,* ou *ahé hu munéo cury.*

P.

Nós pôremos *Iá munéo cury,* ou *iané munéo cury.*
Vós pôreis *Pe munéo cury,* ou *penhé munéo cury.*
Elles pôrão *Hu munéo cury,* ou *aitá,* ou *entá hu munéo cury.*

Condicional

S.

Eu pôria *Chá munéo ten iepé,* ou *iché munéo ten iepé.*

Tu pôrias *Re munéo ten iepé,* ou *iné munéo ten iepé.*

Elle pôria *Hu munéo ten iepé,* ou *ahé hu munéo ten iepé.*

P.

Nós pôriamos *Iá munéo ten iepé,* ou *iané munéo ten iepé.*

Vós pôrieis *Pe munéo ten iepé,* ou *penhé munéo ten iepé.*

Elles pôriam *Hu munéo ten iepé,* ou *aitá,* ou *entá hu munéo ten iepé.*

MODO IMPERATIVO

Põe tu *Munéo iné,* ou *re.*
Ponde vós *Munéo pe,* ou *penhé.*

MODO CONJUNCTIVO

Tempo Presente

S.

Que eu ponha *Chá munéo cuôre,* ou *iché munéo cuôre.*

Que tu ponhas *Re muneo cuôre,* ou *iné munéo cuôre.*

Que elle ponha *Hu munéo cuôre,* ou *ahé hu munéo cuôre.*

Que nós ponhamos *Iá munéo cuôre,* ou *iané munéo cuôre.*

P. Que vós ponhais *Pe munéo cuôre,* ou *penhé munéo cuôre.*

Que elles ponham *Hu munéo cuôre,* ou *aitá,* ou *entá hu munéo cuôre.*

Preterito Imperfeito e Perfeito

Que eu puzésse, ou tivésse posto *Chá munéo ramé,* ou *iché munéo ramé.*

S. Que tu puzésses, ou tivésses posto *Re munéo ramé,* ou *iné munéo ramé.*

Que elle puzésse, ou tivésse posto *Hu munéo ramé,* ou *ahé hu munéo ramé.*

Que nós puzéssemos, ou tivéssemos posto *Iá munéo ramé,* ou *iané munéo ramé.*

P. Que vós puzésseis, ou tivésseis posto *Pe munéo ramé,* ou *penhé munéo ramé.*

Que elles puzéssem, ou tivéssem posto *Hu munéo ramé,* ou *aitá,* ou *entá hu munéo ramé.*

Futuro Imperfeito

Se eu puzer *Chá munéo mairamé,* ou *iché munéo mairamé.*

S. Se tu puzéres *Re munéo mairamé,* ou *iné munéo mairamé.*

Se elle puzer *Hu munéo mairamé,* ou *ahé hu munéo mairamé.*

Se nós puzermos *Iá munéo mairamé,* ou *iané munéo mairamé.*

P. Se vós puzérdes *Pe munéo mairamé,* ou *penhé munéo mairamé.*

Se elles puzérem *Hu munéo mairamé,* ou *aitá,* ou *entá hu munéo mairamé.*

Futuro Perfeito Composto

Se eu tiver posto *Mairamé chá munéo,* ou *mairamé iché munéo.*

S. Se tu tivéres posto *Mairamé re munéo,* ou *mairamé iné munéo.*

Se elle tiver posto *Mairamé hu munéo,* ou *mairamé ahé hu munéo.*

Se nós tivermos posto *Mairamé iá munéo,* ou *mairamé iané munéo.*

P. Se vós tivérdes posto *Mairamé pe munéo,* ou *mairamé penhé munéo.*

Se elles tiverem posto *Mairamé hu munéo,* ou *mairamé aitá,* ou *entá hu munéo.*

Conjugação do verbo EMBUHY, rachar.

MODO INFINITO

Presente Impessoal

Rachar *Hu embuhy*

Presente Pessoal

Rachar eu *Hu embuhy iché*

Gerundio

Rachando	*Hu embuhy ramé*

Supino

Rachado	*Hu embuhy uára*

Participio do Futuro

Para ser rachado	*Hu embuhy ráma*

Este verbo conjuga-se da mesma fórma que os anteriores regulares, acabando o primeiro em: *a,* como *Monúca,* — cortar; o segundo em *e,* como: *Putáre,* — querer; o terceiro em *o,* como: *Munéo,*—pôr; o quarto em *ú,* como: *Saiçú,* — amar, e o quinto em *y,* como: *Embuhy,*—rachar, pelos quaes se pode conjugar todos os demais regulares e seus compostos.

Ha outros muitos verbos regulares, cujas desinencias em *e* fraco, alteram o som em *é* aberto, como: *Emboé,* — rezar. *Muhé,* apagar, e em *ê* (*) nazal como: *Nhéen,* — falar; *muhém,* — ensinar, etc.

(*) O valor sonico deste *ê,* circumflexo, não está figurado nesta edição, em virtude da advertencia do valor desta letra. Cap. I. Valor das vogaes.

Irômo — Com, a respeito, entre, para, por.

Vou com meu irmão pescar.
Chá sú sé mú irômo ia hu penatica.
Eu vou meu irmão com nós pescar.

Opé — Em, no, na.

Em casa de João.
Iuão ôca opé.
João casa em.

Püpé — Dentro, em, no na.

Ficou dentro de casa.
Hu puitá ôca püpé.
Ficou casa dentro.

Quité — Para, lugar para onde, etc.

Vou para roça.
Chá sú cupixáua quité.
Eu vou roça para.

Rupy — Por causa, por, pelo, etc.

Arrastou-se pelo chão, ou rua.
Sé mucererica ána ocára rupy.
Se arrastou rua pela.

Ruaquy — Ante, junto, ao pé, muito perto.

Ante vós, Senhor Deus, nada somos.
Pe ruaquy, Iára Tupã, ne maá iá icú.
Vós ante, Senhor Deus, nada coisa nós somos.

Suhy—De, da, do, entre, ou dentro, no numero de.

Vim da cidade.
Chá iure mairy suhy.
Eu vim cidade da.

Supé — A, por, ou para si, ou elle, contra, de, do, etc.

Vai buscar agua para elle beber.
Icuim hu ipiáma û supé hu hu aráma.
Vai buscar agua elle beber para.

Regala a elle esse peixe.
Mehé ahé supé nhaá pirá.
Offerta elle para esse peixe.

Uérpe — sob, abaixo, etc.

Morreu debaixo do trabalho.
Hu manú moranquy sáua uérpe.
Morreu trabalho debaixo.

R ou *re* — de, do, da; cujo exemplo dei acima.

Ás demais palavras são nomes, ou adverbios, phrases adverbiaes de que adiante trataremos.

ADVERBIOS

ADVERBIO, é uma palavra que se junta ao nome, ou verbo, para exprimir o modo, ou a circumstancia da sua significação.

Os adverbios são os seguintes:

Adverbios de Lugar

Mamé — Onde, em que lugar, em o qual lugar; exemplo:

Onde é tua terra?
Mamé taá icú ne retáma?

Pará opé, ou *quité.*
Pará no, ou Pará o.

Masuhy — Donde.

Donde trouxeste este pavão?
Maáruy (*) *taá ré süre quaá iuquiry?*
Donde tu trouxeste este pavão?

Caá suhy.
Matto do.

Maáquité — Para onde.

Para onde corre o rio? Para a fóz.
Maáquité paraná hu inhána? Tumasáua quité.
Para onde o rio elle corre? Fóz para.

(*) E' o mesmo que: *Masuhy, suhy.*

Maárupy — Por onde.

Por onde morre o peixe? Pela bocca.
Maárupy pirá hu iucá? Iorú rupy.
Por onde o peixe elle morre? Bocca pela.

Miquité — Além, daquella parte, ou da outra parte contraria.

Além avisto um navio de guerra.
Miquité chá mahá iepé maracaty.
Além eu avisto um navio de guerra.

Além existe o rio Branco.
Miquité aicué paraná Tinga. (*)
Além existe o rio Branco.

Quiquité — Aquém, deste lado, desta parte para cá, antes, atraz d'algum objecto.

Aquém daquella praia alagou-se uma canôa.
Quiquité nhaá icuhy iepé igára hu sú paraná pupé.
Aquém, daquella praia, uma canôa ella foi rio dentro.

Aquém do rio Negro está o Solimões.
Quiquité paraná pixiúna suhy aicué Soriman.
Aquém rio Negro do existe o Solimões.

(*) *Tinga*, é contracção de: *Murutinga.*

Mixihy — D'ali, d'acolá, daquella parte.

D'ali nasce o sol.
Mixihy curacé ucéma.
D'ali o sol nasce.

Quixihy — D'aqui, deste lugar.

D'aqui o sol occulta-se.
Quixihy curacé sé ucaiéma.
D'aqui o sol se esconde.

Deste lado do monte vê-se perfeitamente o mar.
Quixihy atéra suhy sé mahá catú reté paraná uaçú.

Ocárpe — Fóra, em a parte exterior.

De fóra eu te vi rezando.
Ocárpe chá chipiá (*) *iné re iumbué ramé.*
De fóra eu vi te rezando.

Iqué — Aqui, neste lugar, cá.

Aqui é a nossa terra.
Iqué iané retáma icú.
Aqui nossa terra é.

Aápé — Ahi, nesse lugar, lá.

Ahi ouvi os lindos cantos de Simá.
Aápé chá senú ána Simá engaresáua itá poránga
Ahi eu ouvi Simá os cantos lindos.

(*) *Xipiá*, ou *chipiá*.

Mime — Ali, naquelle lugar, lá, acolá.

Ali está a memoria da abertura do Amazonas.
Aicué mime iapetehuma Amazonas piraresáua recé.
Existe ali a memoria Amazonas abertura do.

Árpe — Encima, de cima, no logar acima.

Subiu encima da casa.
Hu iúpire ôca árpe.
Elle subio casa encima.

Uérpe — Abaixo, debaixo, por baixo, na parte inferior.

O pilôto mergulhou por baixo da canôa.
Iacumayua iapumy ána igára uérpe.
O pilôto mergulhou canôa por baixo.

Renuné — Adiante, de fronte, a respeito, á cerca, em torno, junto, perto, em breve.

Adiante de ti veiu meu pai.
Né (*) *renuné sé paiá húre.*
De te adiante meu pae veiu.

Püpé, ocárpe, ou *ocára* — Dentro, em a parte interior; fóra, em a parte exterior.

Por dentro e por fóra das muralhas da cidade, Troia era defendida por soldados.

(*) *Né,* é contracção de: *iné.*

Caisára itá, as muralhas; *püpe,* dentro; *y* e *ocára,* fóra; *rupy,* por *mairy,* cidade; *Troia,* Troia; *icú iepé,* era; *mucaturú ára,* defendida; *sorára,* soldados; *seya,* muitos; *recé,* por.

Sacaquéra — Tráz, atráz, em a parte posterior, detráz.

O velho de mêdo escondeu-se atráz da porta.

Tuiué, o velho; *sequeyé oéra,* atemorisado; *recé,* de; *sé,* se; *hu,* elle; *iumime,* escondeu; *iuquena,* porta; *sacaquéra,* atráz.

Apecatü — Longe, em muita distancia.

Eu móro longe da villa.
Apecatú chá icú táua suhy.
Longe eu existo villa da.

Iquente — Perto, em pouca distancia.

Chega-te perto do fôgo, que logo terás calor.

Re sica, te chegas; *tatá,* fôgo; *iguente,* perto; *curuté uára,* de pressa; *iné,* tu; *sacú cury,* calor; *rericú,* terás.

Apecatú-reté — Muito longe, ou longe de mais.

Retira-te para muito longe de mim.
Icuen apecatú reté se suhy.
Vai mim muito longe de.

Enti-apecatú — Não longe.

Não longe está o Capitolio da Rocha Tarpeia.
Enti apecatú icú Capitolio Itá Tarpeia suhy.
Não longe está o Capitolio Rocha Tarpeia da.

Adverbios de Tempo

Mairamé — Quando, em que tempo, no tempo que.

Arapucúsáua — Sempre, em todo o tempo, todos os dias, todas as vezes que.

Curumú — Afim de que não.

Niamúára — Nunca, em nenhum dia, em nenhum tempo, de nenhum modo.

Coité — Então, neste, naquelle tempo, nesta, naquella ocásião, para esse tempo, para essa occasião.

Aramé — Então, nesse tempo, nessa occasião, nesse caso.

Cuôre — Agora, já, n'este tempo, n'esta occasião, neste instante.

Amoára — Avante, para o futuro.

Quicé — Hontem, em o dia antecedente ao em que estamos.

Quicente — De pouco tempo, recentemente.

Amoquicé — Ante-hontem.

Uihy — Hoje, no presente dia.

Ana — Logo, já, em o mesmo instante, neste instante.

Inti-ána — Não ainda, ainda, até esta hora, até agora.

Intiránhé — Ainda não.

Cuité (*) — Cêdo, de manhã cêdo, ou de madrugada.

Ránhé — Ainda, até o presente, mais, ainda quando, no caso que, quando.

Curuté — De pressa, sem demora.

Ariry — Depois, depois disto.

Curí — Alguma vez.

Curimery — Logo, mais tarde.

Teipó — Finalmente.

Adverbios de Quantidade

Páu ou *pauué* — Tão, tanto, em tanta quantidade.

Muôre — Quão, quanto, em quanta quantidade.

Uetépe — Mui, muito, em muita quantidade, bastante.

(*) *Cuité*, é contracção de: *Cuimaté.*

Amó-ire — Mais, outra vez, em maior quantidade.

Xinga — Menos, apenas.

Reté — Demais, demasiado.

Upáem — Assás, em abastança.

Mirente — Quasi.

Nhúm — Só.

Nhúnca, ou *Nhonte* — Somente.

Nhúmira — Sosinho, ao menos.

Tém — Sempre, não muito.

Rirée — Mais, depois que.

Adverbios de Modo e Qualidade

Heém — Sim.

Inti ou *ti* — Não, nada.

Intimaá — Não ha, não ha nada.

Iaué — Como assim, assim como.

Mahy — Como.

Axihy — D'alli, daquelle lado.

Empó — Pois não, talvez.

Heémempó — Assim talvez.

Ruaquy — Ao pé, em presença, avista, junto.

Teénte — Debalde, inutilmente.

Iupürungáua — Primeiramente, de novo, no principio.

Catúcente — Bom, bem, soffrivelmente.

Tenhé — Tambem, mesmo, mas; — tambem significa prohibição; exemplo: *Tenhé remunhá,* não faças.

Xoára ou *uára* — Esta dicção denota continuação; exemplo: *Curumi uaçú cunhã uára,* ou *xoára,* — rapaz que anda atráz de mulher; voluptuoso.

Phrases Adverbiaes

Supy-reté — Verdadeiramente.

Poité-reté — Falsamente.

Sepeasú-reté — Excessivamente.

O signal *reté* junto aos adjectivos serve para formar delles nomes adverbiaes, como acabamos de ver.

São ainda expressões adverbiaes as seguintes:

Uauáca — A roda, ao redor.

Rupy — Além.

Racaquera — Atráz de.

Ruachára — De fronte, fronteiro.

Suachára — Ao lado, de parelha.

Tenuné — Diante de.

Ruaquy — Junto de si.

Apecatú — Longe, longe de.

Iquente — Perto, perto de.

Ropitá — Atráz, de tráz.

Ranhé — Ainda.

Puitérpe — Entre, meio.

Iaué-tenhé — Assim tambem.

Meué-meué — Assim, assim.

Meué-rupy — Por accidente, perfunctoriamente, de vagar.

Heénracué — Assim é, d'este modo, desta maneira, é verdade.

E muitas outras que a pratica ensinará.

Conjuncções

Conjuncção, é uma particula que serve para ligar as palavras e as proposições entre si.

As conjuncções são:

Maá — Que, qual; copulativa.

U — Ou; disjunctiva.

Y — E; tambem copulativa.

Mahy — Como, por quanto, porque; casual.

Assuhy — Pois, logo, por tanto; de conclusão.

Ni — Nem, não, sinão; disjunctiva.

Aramé — Pois, então, logo, portanto; de conclusão.

Xe ou *se* — Se, si; condiccionaes.

Arery — Mas, porém, com quanto, todavia; adversativa.

Interjeições

Interjeicção, é uma palavra invariavel que serve para exprimir rapidamente os transportes da nossa alma; exemplo:

A ! — De admiração: O que! O que é que está me dizendo !

An ! — O mesmo que — o que !

Un ! — De dôr: Ai ! ui !

Eré ! — De animação; eia ! vamos !

Apé ! — De grandeza: Collossal ! Estupendo !

Hóhó ! — para chamar: Oh... lá !

Cáca — de suspensão: quiéto ! Esteja quiéto.

Araán ! — de profunda tristeza, de saudade: Tão bom que elle era !

Heém ! — de approvação: Sim, bom.

Erécatú ! — de mando: Venham ! vamos ! vamos nós embora !

Sóco ! — ora ! ora... ora essa ! ora bolas !

Athié! — signal de reprovação: Isto não, isto não se faz, isto é feio!

Achy! — signal de nôjo, asco, desprezo: Faço pouco... Duvido! Pois sim! Quer ver! Não te enxergas.

Iá! — signal de duvida: Será verdade! Será possivel!

Teité — signal de compaixão: *Auá teité!* quem? coitado!

Será! — signal de interrogação para as segundas e terceiras pessoas.

Cuéra! — signal de surpreza, espanto e covardia, — que foi, não é mais. Pospõem-se sempre aos nomes proprios, ou substantivos, para exprimir que já não são o que foram.

Atiúnça! — Signal de lastima: Tanta miseria! Tanto egoismo!

Hehé — E' outro signal de duvida.

Heeé! — Signal de terror, panico: Santo Deus, que desgraça!

Pa! — Vá elle! Plantar batatas...

Atimbora! — Signal de enfado: Mude-se! não me consuma! Retire-se Não me amole! Não me aborreça!

CAPITULO IX

DA SYNTAXE

Syntaxe é parte da grammatica que, coordenando as palavras, confórme as relações que existem entre si, ensina a compôr a oração com acerto.

Oração, ou Proposição é um juizo enunciado por meio de palavras combinadas.

Juizo, é o acto do entendimento que julga da utilidade de duas idéas; exemplo: *Tupã páia icú,* Deus é pae.

Compõem-se a oração — simples ou logica — de tres membros essenciaes: SUGEITO, VRRBO E ATTRIBUTO, como demonstra o exemplo acima. Estes membros exprimem-se, ou por tres, ou por duas palavras, ficando ordinariamente occulto, por ellipse, o ATTRIBUTO, se o verbo é abjectivo; e o VERBO, se este é substantivo; exemplo: *Chá sequé,* — eu vivo; cujo ATTRIBUTO está incluido no verbo — *sequé;* ou *chá sequé oéra,* — eu vivente; occultando-se o verbo, ou finalmente completando a oração: *Chá sequé oéra icú,* — eu sou vivente.

Não se póde, como no portuguez, exprimir a oração por uma só palavra, porque os verbos não variam de terminação e os seus diversos — modos, tempos, e pessoas — são conhecidos pelos pronomes e particulas que se lhes ajunta.

A oração COMPOSTA — ou GRAMMATICAL, consta de muitos SUGEITOS e ATTRIBUTOS, ou de tantas palavras dje que ella se compõe; exemplo: *Heródes y Néro, aitá hu icú ána tupixáua sacatéima paué hu nunú recé, muôre y mira suhy puxi oêra i iucá sára itá.* — Herodes e Néro, foram reis tão ambiciosos de governar, quão tyrannos e assassinos de seu povo.

Heródes e Néro, Herodes y Néro, *elles* aitá *foram* hu icú ána *reis* tupixáua *ambicioso* sacatéima *tão* paué *governar* hu munú *de* recé *quão* muôre *seu* y *povo* mira *de* suhy *malvados* puxi oéra *e* y *assassinos* iucá sára itá.

Consta esta oração de dois sugeitos — *Heródes e Néro,* ou tres incluindo o pronome pessoal — *aitá,* que os representa; e de dois attributos — *tupixáua* e *sacatéima reté,* ou de quatro accrescentando — *puxi oêra* e *iucá sára itá,* porque se subentende o mesmo verbo para a segunda oração, e ambas se reduzem a seis — juizos — expressados pelo mesmo verbo que os liga; exemplo:

Heródes *Heródes* hu icú ána *foi* tupixáua *rei* sacatéima *ambicioso* paué *tão* hu munú *governar* recé *de* muôre *quanto* hu icú ána *foi* i *seu* mira *povo* suhy *de* puxioéra *tyranno* y *e* hu icú ána *foi* i *seu* mira *povo* suhy *de* iucására *assassino* etc.

Analyse

Herodes — subs. prop. masc. sing: — sugeito de *hu icú ána.*

hu icú ána — terceira pessôa do sing., do pret. imp. do verbo subs. — *icú*.

tupixáua — subs. commum., masc. sing.; — attributo de — *hu icú ána*.

sacatéima — adj. qualificativo, comparat., concordando com *tupixáua* e o attributo de — *hu icú ána*.

paué — adv. de quantidade, modificativo de — *sacatéima*.

hu munú — verbo activo do infinito, complemento terminativo da preposição — *recé*.

recé — prep,. cujo complemento é — *hu munú*.

muôre — adv. de quantidade, comparativo, modificativo de — *puxi oéra* e *iucá sára*.

i — pronome possessivo relativo, cujo complemento é — *mira*.

mira — subs. collectivo concordando com o adjectivo possessivo *i* e complemento da prep.— *suhy*.

suhy — prep. cujo complemento é — *i mira*.

puxi-oéra — adj. qualificativo concordando com *Herodes, tupixáua* e o attributo de — *hu icú ána*.

y — conjuncção copulativa que liga a *puxi oéra* a *iucá sára*.

iucására — adj. qual., concordando com *puxi oéra* e o attributo de — *hu icú ána*.

O SUGEITO da oração é sempre, ou um nome proprio, como — *Maria cunhãtán icú*, — Maria é menina; ou um appellativo, como: *Cunhãtán poránga icú*, — a menina é bonita, ou qualquer parte da oração substantivada pelo artigo, com o verbo no infinito;

I (*) *hu hú*, — o beber; no infinito — *i xé hu suré* (**) apraz-me; ou o adjectivo, — *i turáma*, o justo; *i quau' ára*, o sabio; ou uma preposição *i cecé, i supé*, o pró, o contra ou um adverbio — *i mahy y mairamé*, o como e quando; ou finalmente uma conjuncção, como — *i maá*, o que.

O verbo, — é sempre o verbo substantivo *icú*, ser, ou sou, como: *Chá quirimáo icú*, — eu sou valente; ou incluindo no mesmo adjectivo, como: — *Chá saiçú*, eu amo; o que equivale a dizer: *Chá saiçú oéra icú*, — eu sou amante.

O ATTRIBUTO, é um adjectivo, ou um appellativo adjectivado pela falta do artigo, como: *Cunhã pitúa icú*, — a mulher é fragil. *Tupã xé munh'ána apegáua*, Deus se fez homem.

Tanto os SUGEITOS, como os ATTRIBUTOS pódem ser modificados por diversos accessorios, como um substantivo com sua preposição: *Apegáua re tim*, — homem de brio; ou com um adverbio; *porunguetá catúente*, — falou bem; ou com um adjectivo, *apegáua catú* — homem bom; ou finalmente com uma oração incidente, onde se manifesta qualquer dos pronomes relativos: *I cunhã, auá, catú ranhé hu icú*, — a mulher que é pura.

Estas orações chamam-se conjunctivas.

O SUGEITO e o ATTRIBUTO, além de serem simples

(*) Antepõem-se em lugar do art. o pron. *i*.
(**) *Suré*, verbo neutro AGRADAR, está na significação de — aprazer.

ou compostos, são incomplexos quando não têm complemento; exemplo: *Xé mánha emoété uára hu icú,* — minha mãe é respeitada; e complexos quando têm qualquer complemento: *Cunhã auá, poránga icú, hu iucéi icú upáem rupi,* — a mulher que é formosa, é por todos appetecida.

A oração é PLENA, quando traz claros os seus principaes termos, exemplo: Os Anchietas são dignos de nossa recordação. *Anchieta itá hu icú catú iané maité sáua recé.*

ELLIPTICA, quando lhe falta uma das tres partes, exemplo: De quem é esta arma? *Auá taá quaá mucauá?* (de quem esta arma?) subentendendo-se o verbo — *icú,* é; *surára,* soldado. Ficando occultos o verbo e a preposição, os quaes, tirada a figura, expressar-se-ão assim: *Surára recé icú,* cuja traducção literal é — soldado de é.

IMPLICITA, é quando a conjugação equivale a uma oração e por consequencia não exprime nem um dos seus termos; exemplo: *Araán!* isto é, eu tenho saudade! Tu me queres bem? *Ré putáre catú será iché? Heém;* isto é, — *chá putáre iné catú reté:* Eu quero-te muito bem.

Periodo

O periodo consta, ou de uma phrase, formando sentido completo, ou de muitas orações reunidas, sendo uma d'ellas sempre a principal e que logo se conhece por que se exprime pelos modos — indicativo,

condicional ou imperativo — sem conjuncção alguma; exemplo:

Eu quero que me ouças para aconselhar-te a tempo de te não perderes.

Chá putáre, ré senú iché maá chá hu mumuitá aráma iné mairaá opé enti ré hu caiyéma recé.

E as demais SUBORDINADAS, assim chamadas porque não fazem por si só sentido completo; exemplo:

Se quéres comer — trabalha: *Se ré mahú putáre, re murauqué.*

As orações subordinadas, que dependem da principal, ou a ella se referem, se estão ligadas por alguma das conjuncções, chamam-se — copulativas, disjunctivas, explicativas e circumstanciaes; — se fazem parte de outras e por isso chamadas PARCIAES, pódem ser de tres classes:

INTEGRANTES, quando servem de complemento a significação relativa do attributo; exemplo: QUERO VER-TE — CHÁ *hu mahá PUTÁRE iné.* DESEJO orar a Deus, para elle me fortalecer o espirito. — *Chá iucéi, hu iumbué Tupã supé aráma, ahé, hu moperantá sé ánga.*

INCIDENTES, EXPLICATIVAS, quando explicam a significação do sugeito, do attributo, ou do complemento da outra oração e podem-se omittir, exemplo:

A menina ajuda a sua mãe, que é velha.
Cunhã hu pitimó i mánha supé, auá uaimy recé icú.

INCIDENTES RESTRICTIVAS, quando restringem aquellas partes da oração a que se ligam e não se pódem dispensar; exemplo:

O cão, que é bravo.
Iauára, uaá nhaurú icú.

CORRELATIVAS OU COMPARATIVAS, quando principiam por uma palavra igual, ou que tem relação com a da oração antecedente, fazendo com ella comparação; exemplo:

A mulher é tão bôa, como o homem.
Cunhã icú catú paué maiué apegáua.

CAPITULO X

DIVISÃO DA SYNTAXE

A syntaxe divide-se em ANALYTICA e IDIOMATICA.

ANALYTICA, é a que segue a ordem natural e grammatical das palavras; exemplo:

Deus fez o céo e a terra.
Tupã hu munhán ieuáca y ieuû irômo.

IDIOMATICA, é a inversa da syntaxe analytica, isto é, a que explica o modo de expressar particularmente uma lingua, como esta, que a sua construcção pratica compõe-se ordinariamente da syntaxe figurada de que adiante trataremos; exemplo:

A terra e o céo Deus fez.
Ieuû y ieuáca Tupã hu munhán.

A syntaxe natural divide-se em syntaxe de REGENCIA, CONCORDANCIA e de CONSTRUCÇÃO.

Regencia

A regencia ensina a estabelecer as relações de dependencia que as palavras têm na oração uma das outras.

Como na lingua brasilica as palavras não mudam

de terminação para mostrar os — casos — que tem no latim e outras linguas, pelos quaes se conhece o emprego que devem ter na oração, é, entretanto de seu uso particular proceder as palavras complementares dos seus respectivos regentes — verbos, preposições, etc.; exemplos:

João frechou a lontra.
Iuão iauacáca hu iomú ána.

Arma de Adão.
Mocáua Adão recé.

Coração de mãe.
Piá mánha recé.

Pelos quaes exemplos se vê que o verbo — *hu iomú ána* — e a preposição — *recé* — regem os substantivos, — *iauacáca, Adão* e *mánha,* os quaes se referem aos substantivos *Iuão, mocáua* e *piá,* com quem têm immediata relação.

Qualificam-se estes complementos de OBJECTIVO, TERMINATIVO, CIRCUMSTANCIAL e RESTRICTIVO.

O complemento OBJECTIVO, sem excepção de nome algum, é aquelle que sem o concurso da preposição conclue a significação do verbo transitivo; exemplo:

O gato comeu o rato.
Pixána uairú hu mahú ána.

O TERMINATIVO, é a palavra ou são palavras que terminam a relação estabelecida pelo verbo; exemplo:

O menino deu um beijo em sua mãe.
Curumi hu mehé ána iepé petera i mánha recé.

A menina trouxe uma flôr para sua mãe.
Cunhãtán hu rôre ána iepé putéra i mánha supé.

Circumstancial, é aquelle que, regido de qualquer preposição, se liga aos verbos, ou adjectivos para dar a entender alguma circumstancia da sua significação; exemplo:

Nado no rio com muito mêdo.
Chá oitá paraná opé sequeyé sáua irómo.

Restrictivo, é aquelle que restringe a significação do nome que o precede; exemplo:

Corôa D'ESPINHOS.
Sairé IÚ RECÉ.

Concordancia

A syntaxe de — concordancia — é a que ensina a concordar os adjectivos com os substantivos e os verbos com os seus sugeitos, collocando-os nas terminações estabelecidas por meio das particulas já conhecidas e relativas a seu genero, numero e pessôas.

Os adejctivos concordam com os substantivos em genero e numero singular, sem alterar as suas respectivas terminações, e no plural accrescentando as dicções *itá, reté, pau,* ou *paué, seéia, etc.;* exemplo:

Mulher formosa.
Cunhã poránga.

Reis sabios.
Tupixáua quá itá uára etc.

O verbo com o seu sugeito concorda em numero e pessôa; exemplo:

Parintin hu iauáo ána.
Parintin hu iáuáo ána.

Differe d'esta regra o verbo HAVER que, na significação de — existir, fica sempre no singular, embora o verbo esteja no plural; exemplo:

Mulheres HOUVE que foram heroinas no combate.
AICUÉ *cunhã itá, auá hu icú ána quirimáo maramunhá uára opé.*

Havendo na oração dois sugeitos, sendo um da primeira pessôa, outra da segunda, ou da terceira pessôa, devemos pôr o verbo na terceira pessôoa do plural; exemplo:

Eu e meu sogro estamos bons.
Iché y sé ratéua iá icú catú.

Se todos porém, forem da terceira pessôa, o verbo deve ir tambem para a terceira pessôa, ou do singular, ou do plural; exemplo:

A filha, mãe e avó foram mulheres virtuosas.
Memúra, mánha y ariá itá hu icú cunhã pauê catúsáua.

Construcção

A construcção, que póde ser DIRECTA ou INVERSA, é a ordenação das palavras na oração sem se afastar das regras da syntaxe.

A DIRECTA, determina que se colloque em primeiro lugar o SUGEITO, depois o VERBO, e em seguida o ATTRIBUTO, ou o — complemento objectivo, terminativo, circumstancial e as demais palavras que concluem o sentido da oração, se as houver; exemplo:

O Brasil descoberto por um Pedro, foi no mappa das nações collocado por outro Pedro.

Brasil mopiráre oéra iepé, Pedro rupy, hu icú ána papéra opé mirápaué recé munéo oéra amu Pedro rupy.

A INVERSA, é a que requer que o verbo esteja antes do sugeito, o substantivo depois do adjectivo, etc. exemplo:

Fui eu para a guerra no Paraguay só por amor á Patria minha.

Marámunhá aráma chá sú ána Paraguaya opé sé Retáma nhunca saiçú sáua rupy.

Syntaxe Figurada

A SYNTAXE FIGURADA, é a que usamos, ou como especialidade da lingua, como acontece com a brasilica, ou por elegancia, occultando, accrescentando, ou

transpondo palavras na oração por meio das seguintes figuras:

Ellipse, quando na oração se omitte uma ou mais palavras que se subentendem facilmente; exemplo:

De quem é esta arma? Pariquy.
Auá mucáua taá quaá? — ficando occulto o verbo — *icú*. *Paquiry;* isto é, *Pariquy recé,* ou *quaá mucáua Pariquy recé icú;* tirada a ellipse.

Syllepse, quando concordamos o verbo ou o adjectivo com um substantivo imaginario, e não com os expressos; exemplo:
Eu e tu somos ricos.

Iché y iné iá icú itaiúba uára; ficando occulto o substantivo *apegáua,* — homem; com quem concorda o adjectivo.

Pleonasmo, quando estando a oração perfeita, accrescentamos algumas palavras desnecessarias com o fim de a tornar mais expressiva; exemplo:

Eu vi com os meus olhos.
Chá mahá xe resá irómo.

Eu ouvi com os meus ouvidos.
Chá sendú se apûsá saúa irómo.

Hyperbato, quando se altera a ordem grammatical, resultando um sentido obscuro; exemplo:

Eu penso que do sabio rei liberal lhe será cada vassalo um defensor.

Chá maité maá, iaquáo ára tupixáua recé catú reté.
Eu penso que, sabio rei do generoso
ahé hu ricú cury iepé miasúa iepé marámunhá.
lhe será cada vassalo um defen-
uára.
sor.

Orthographia

A ORTOGRAPHIA é a parte da grammatica que ensina a escrever correctamente, ou mais propriamente conforme o uso dos escriptores costemporaneos.

As letras dividem-se em maiusculas e minusculas.

No principio de qualquer escripta, ou ponto final usaremos sempre começar o nome por letra grande, assim como depois do ponto interrogativo, admirativo, e de dois pontos se houver de citar-se alguma sentença; exemplo:

Escrevendo esta obra exclamei algumas vezes: Aqui é que o pôrco torce o rabo!
Chá mopinima ramé quaá munhá sáua, chá sacema iepé maáiyére: Iqué taiaçú hu pumumbûca suaya:

No principio dos nomes proprios, ou de titulos honorificos, etc.

Fóra destes casos todas as mais palavras se escrevem com letras pequenas.

Quando o nome acabar em vogal e seguir-se outra, suprimir-se-á por meio de apostropho, a primeira e uma ou duas, se houverem tres iguaes.

Algumas palavras escrevem-se com *ch* chiante e mudo; exemplo:

Chá ou *iché* — eu; *chirúra,* — calça; *chupána,* — casébre; *chuirery* — passaro Bem-te-vi; *chepia-sáua,* — côr; *raichó,* — sogra; *tucháua,* — capitão; *murucháua,* — presidente ou governador; *tupicháua,* — rei: outras com *nh* usual forte; exemplo:

Nhaé, — panella; *nhaém,* — prato; *nheé,* — alguidar ou bacia de barro; *nhéen,* — falar ou dizer; *munhã,* — fazer; *samunha* (*) avô; *samatiá,* partes genitaes da mulher; *sacunha,* membro viril.

O *u* especial e o *û* gutural, de que já falei, servem de signaes orthographicos phoneticos.

Quando a palavra contiver duas vogaes seguidas e for verbo, usaremos de permeio a letra, ou signal d'aspiração *h* para differençar do substantivo, ou adjectivos; exemplo:

Maá, coisa; *mahá,* ver; *caá,* matto e *cahá,* defecar, etc.

Muitas palavras desta lingua escrevem-se principiando por *x,* cujo chio, embora semi-vogal confunde-se com o da prolação *ch;* exemplo:

(*) Alguns substantivos como estes, quer comecem por *s*, quer por *x*, mudam esta letra em *r* quando se ajuntam aos pronomes possessivos; exemplo: Meu avô. *Xe ramúnha;* tua mulher, *rê rimέricú;* sendo o substantivo — *ximéricú.*

Xiriry, espuma; *xibé,* sôpa de farinha e agua fria; *xié,* tripa; *xué,* ridiculo.

As palavras acabadas em *i,* escreveremos com *y* e bem assim no meio das palavras, entre vogaes, quando tiverem de representar dois *i.*

Usaremos da letra *s* em vez do *ç* para principio de palavra, como por exemplo:

Sapocáia, em logar de *çapocaia* — gallinha.

Finalmente como no portuguez usaremos tambem escrever antes de *b, p* e *m,* sempre *m* e não *n.*

Hyphen

O HYPHEN, ou risco de união, será imprescindivel, (*) não sómente para acostumar a conhecer os ditongos, como para dividir as syllabas convenientemente; exemplo:

Tu-pã y xé mu-raú-qué sá-ua.
Deus e os meus esforços.

(*) Supprimido desta edição por principios estheticos, considerando-se o — exemplo — para não eliminar- a — advertencia, do auctor.

APPENDICE

Adjectivos Quantitativos

Os ADJECTIVOS QUANTITATIVOS, são os que exprimem numero ou quantidade, quer sejam elles UNIVERSAES como — *upáem,* que significa — todo, a, os, as, tudo; *nemaá,* nenhum, a nenhuns as; *niauá,* ninguem; *ni,* nada; *ma'uá,* quem quer, qualquer; *yepéuaá,* ou *yepé-yepé,* cada; quer sejam PARTITIVOS como: *yepé,* um, a, uns, as; *yepé maá,* algum, a, alguns as; *setá,* muito, a,os, as; *mirayra,* pouco, a, os, as; *amú* outro, a, as; *muôre,* quanto, a, os, as; *iyére,* o mais, a mais, os mais, as mais; *auá-ipó,* alguem, outrem; ou NUMERAES que se dividem em CARDINAES e ORDINAES.

Os CARDINAES que exprimem simplesmente o numero são:

Yépe	Um
Mucúem	Dois
Muçapeire	Tres
Herundy	Quatro
Uaxiny	Cinco
Moçuny	Seis
Seyé	Sete
Oicé	Oito
Oicepé	Nove
Peyé	Dez
Peyé-yepé	Onze, etc.

E assim por diante até chegar a vinte, que dir-se-á: *Mucuem peyé,* vinte; *muçapeire peyé,* trinta, etc. *peyé papasáua,* mil; *mucuém peyé papasáua,* dois mil; *peyé papasaua,* mil; *mucuém peyé papasáua,* dois mil; e assim progressivamente.

Os ORDINAES, exprimem os numeros por ordem, e estes formam-se accrescentando sempre aos cardinaes a particula *uára* que tambem é indicativa desses adjectivos; exemplo:

Yepérum-uára	Primeiro
Mucúem-uára	Segundo
Muçapeire-uára	Terceiro
Herundy-uára	Quarto
Uaxiny-uára	Quinto
Moçuny-uára	Sexto
Seyé-uára	Setimo
Oicé-uára	Oitavo
Oicepé-uára	Nono
Peyé-uára	Decimo
Peyé-uára-yepé	Um decimo, etc.

E assim successivamente.

F I M

Cantico de Nossa Senhora

EM

LATIM, PORTUGUEZ E TUPY

LATIM

Magnificat anima mea Dominum.

Et exultavit spiritus meus, in Deo salutari meo.

Quia respexit humilitatem ancillæ suæ; ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes.

Quia fecit mihi magna qui potens est; et sanctum nomen ejus.

Et misericordia ejus a progenie in progenies timentibus eum.

Fecit potentiam in brachio suo; dispersit superbos mente cordis sui.

Deposuit potentes de sede, et exaltavit humiles.

Esurientes inplevit bonis, et divites di misit inanes.

Suscepit Israel puerum suum, recordatus misericordiæ suæ.

Sicut locutus est ad patres nostros. Abraham, et semini ejus in sæcula.

Gloria Patri, et Filio, et Spiritui Sancto; sicut erat in principio, et nunc, et semper, et in sæcula sæculorum.

PORTUGUEZ

A minha alma engrandece o Senhor.

E o meu espirito se alegrou por extremo em Deus, meu Salvador.

Por elle ter posto os olhos na humildade de sua escrava; de hoje em diante pois me chamarão bemaventurada todas as gerações.

Porque me fez grandes coisas o que é poderoso e santo o seu nome.

E a sua misericordia se estende de geração á geração sobre os que o temem.

Elle manifestou o poder do seu braço; dispersou os que no fundo do seu coração formavam altivos pensamentos.

Depôz do throno os poderosos, e elevou os humildes.

Encheu de bens os que tinham fome, e despediu vazios os que eram ricos.

Tomou debaixo da sua protecção a Israel, seu servo, lembrado da sua misericordia.

Assim como o tinha promettido a nossos paes, a Abrahão, e á sua posteridade para sempre.

Gloria ao Padre, e ao Filho e ao Espirito Santo, agora e sempre, e por todos os seculos dos seculos. Amen.

TUPI

A! xé ánga, hu emoté i Iára.

Xé abú iu hu rori ána Tupã recé xá ceiépi.

Maá recé hu senú i miaçúa suhi apipe abasáua:
ahé recé upáem miraitá hu senecáre iché aié pepasáua.

Maá recê Tupã hu munha iché áramau páem maá turuçusáua, i r'ira puranga eté.

Y ahé icatusáua xé hu muçaim ramé, r'ira péaca upáem r'iapéaca ramé, maá haé aitá hu sequéié.

Hu momeú iú-á tecósáua suhy i hu nú ienú pe inharú'ára itá abú iromo i peápe.

Hu ipi'é inharú-oéra tecósáua suhy i hu mopoáma i mirairaáua itá.

Mureaú-oéra i macisáua itá, hu moperacáre catú peure, i itáiobauára póra, hu moporaima hu ceyáre.

Hu iu peci'ca Israel miaçúa itá manuáre oéra i morauçuba recé.

Maiaué hu moçamenhé iané rúba Abrahão i iapéaca'itá recé, amó upáem ára miraitá rupy.

Toribeté pay recé, i Raúra, y Tupã abú: cuôre i ipirungáua i upáem ána rupy ci caba ima. Iaué hu icú.

fazer administrativo da unidade nacional; a tragédia de que foi vítima em um naufrágio no rio Madeira, quando perdeu a primeira esposa; a ação política desenvolvida nos embates da tribuna legislativa e no palanque popular, tudo na visão percuciente de historiador e homem público de Robério Braga, que é quem subscreve a organização e o estudo introdutório da obra.

Acredito que raros serão os leitores a falar a boa língua dos nossos ancestrais, a partir da leitura desta gramática. Mas, tenho certeza: não ficará mais o mesmo o leitor que tiver a ventura de se embrenhar por suas páginas e perceber os labirintos da alma dos nossos antepassados, esculpida neste livro que a parceria providencial da Valer e da SEC teve a bela iniciativa de trazer aos contemporâneos.

Elson Farias
Poeta e romancista, autor de Barro verde, Ciclo das águas e Romanceiro

A reedição desta *Gramática da Língua Brasileira* (Brasílica, Tupi ou Nheengatu), de Pedro Luiz Sympson, resulta de um esforço de recuperação do passado e do compromisso com a memória de nosso país. Traz à luz dos nossos dias uma obra lançada nos últimos quartéis do século XIX. Livro que alcançou, no país daqueles idos, ampla popularidade. Pela importância do tema para a compreensão do processo de constituição lingüística do país, a obra continua válida e de leitura necessária para pesquisadores, estudantes e professores de Língua Portuguesa.

ISBN 85-7512-022-0
9 788575 120224